

Introdução

O presente trabalho constitui o relatório de estágio profissionalizante realizado no Ecomuseu Municipal do Seixal, no âmbito da V edição do Curso de Mestrado em Museologia, ministrado pelo Departamento de História da Universidade de Évora.

As práticas e o trabalho científico desenvolvido no campo da museologia ao longo dos últimos anos têm feito do Ecomuseu Municipal do Seixal¹ uma referência na área. A possibilidade de integrar a sua equipa no âmbito de um projecto museológico enquadrava-se nas pretensões do modelo de Estágio II vigente no Regulamento da V Edição do mestrado em Museologia da Universidade de Évora. O estágio, com a duração de 300 horas, decorreu entre o dia 17 de Novembro de 2008 e o dia 31 de Março de 2009, sob a orientação, por parte da entidade de acolhimento, de Graça Filipe, responsável técnica do EMS enquanto chefe de divisão de Património Histórico e Natural, e por parte da Universidade de Évora, de João Carlos Brigola. A sua realização foi precedida de uma entrevista e avaliação curricular, com o intuito de perfilar as competências do proponente e articular os objectivos do estágio profissionalizante com as necessidades da instituição de acolhimento.

A preparação da exposição temporária *Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)* foi o contexto de inserção seleccionado. Com base no trabalho museológico e museográfico a desenvolver foi apresentado um plano de estágio que me permitia, enquanto estagiário, desenvolver um conjunto de acções relacionadas com a preparação do projecto.

O presente relatório de estágio é composto por 3 volumes distintos: o corpo do relatório, um anexo documental em papel e um segundo em formato DVD.

O corpo do relatório estrutura-se em três capítulos. O primeiro, intitulado "*O estágio em contexto museológico: breve caracterização da entidade museal e linhas gerais do projecto de trabalho*", cumpre um propósito contextualizador do trabalho desenvolvido: pretende caracterizar a identidade museal que acolheu o estágio, procurando descrever as suas linhas gerais de funcionamento e lógicas de

¹ Ao longo do presente relatório, o Ecomuseu Municipal do Seixal será também identificado pela abreviatura EMS;

trabalho, com base em documentos internos como o *Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS*, sem esquecer documentação de cariz académico, como a tese de Mestrado de Graça Filipe; descrever sumariamente o projecto expositivo ao qual o estágio profissionalizante em contexto de trabalho se juntou, em articulação com os serviços do museu envolvidos na sua programação.

O segundo capítulo, "*Desenvolvimento do projecto no âmbito da exposição temporária*", consite na apresentação do trabalho desenvolvido em contexto de programação da exposição temporária. Pretende ilustrar a integração com os serviços, e o desenvolvimento de competências daí resultantes.

O terceiro capítulo, "*Balanço sobre o trabalho realizado*", constitui um balanço sobre as acções levadas a cabo em contexto de estágio e sobre as iniciativas previstas no Programa de Iniciativas associado à exposição.

Os anexos documentais pretendem ilustrar o desenvolvimento do trabalho realizado na preparação dos audiovisuais e o produto final: os dois videos sobre a cadeia operatória do trabalho do barro, o material pedagógico para a visita temática "*Olaria Romana da Quinta do Rouxinol*" (articulação com o Serviço Educativo e com o Serviço de Arqueologia) e a organização do Dossiê Documental (articulação entre o Centro de Documentação e Informação e o Serviço de Arqueologia). Também presente encontra-se a totalidade da documentação produzida no âmbito do Programa de Iniciativas complementar associado à exposição, crelativa às visitas temáticas, ateliês e Seminário Internacional, de forma a realçar o trabalho realizado em plena ariculação com a equipa do EMS.

Capítulo I – O estágio em contexto museológico: breve caracterização da entidade museal e linhas gerais do projecto de trabalho

I.1 - Breve caracterização da entidade museal

A adopção da designação de Ecomuseu por parte do Museu Municipal do Seixal em 1983 deve-se a Hugues de Varine:

*"Oficialmente e tanto como podemos inferir por via de pesquisa documental e de inquérito oral, a adopção, em 1983, da designação de ecomuseu pelo Museu Municipal do Seixal deve-se a Hugues de Varine que, segundo António Nabais, o identificou como "um museu que possui as verdadeiras características de um ecomuseu com o espírito dos ecomuseus de desenvolvimento, com um território bem definido, uma comunidade que participa de várias formas, com a preocupação global de estudo histórico, constituindo actualmente uma das experiencias mais originais e inovadoras da museologia portuguesa."*²

Vinte e cinco anos passados sobre a interpretação de Hugues de Varine, com o alargamento da área de intervenção em termos territoriais e o desenvolvimento da sua estrutura orgânica, dos seus instrumentos de investigação, documentação e conservação em 1996 e a elaboração do Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS já em 2001, é possível aferir do *espírito de missão* do EMS, bem como os três conceitos fundamentais que estão na base da estrutura do ecomuseu: território musealizável e comunidade participativa, conceito amplo de Património Cultural e preservação *in situ*. Citando o documento de 2001:

*"o ecomuseu tem a missão de investigar, conservar, interpretar e difundir testemunhos representativos da ocupação humana e da natureza, reportados ao território e à envolvente social em que se insere, contribuindo para a construção e para a transmissão das memórias colectivas e para o reforço das identidades locais. Através do trabalho museal, nas suas diversas vertentes, tem a missão de estimular e ser instrumento do desenvolvimento sustentado da região".*³

² FILIPE, Graça, *O Ecomuseu Municipal do Seixal no movimento renovador da museologia contemporânea em Portugal (1979-1999)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2000, pag. 87

³ *Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS*, 2001, pag.3 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

Esta missão encontra-se devidamente estruturada e regulamentada no Artigo 97º do Diário da República, 2.ª série, N.º 50 de 11 de Março de 2011. Como referido no decreto-lei, o Ecomuseu corresponde formalmente à Divisão do Património Histórico e Museus (DPHM), consignada na estrutura da Câmara Municipal do Seixal.

I.1.1 - Estrutura territorial descentralizada

O Ecomuseu Municipal do Seixal (EMS) é uma unidade orgânica da Câmara Municipal do Seixal. A sua acção reporta-se à investigação, conservação, documentação, interpretação, valorização e difusão do património do concelho do Seixal. O seu responsável técnico é o Chefe de Divisão de Património Histórico e Museus.

O EMS apresenta oito sítios na sua composição polinucleada, cinco núcleos museológicos e três extensões, à excepção do Espaço Memória Tipografia Popular, já consignados no seu *Programa de Qualificação e Desenvolvimento*. Os núcleos museológicos foram assimilados na estrutura orgânica do EMS, enquanto as extensões seguem uma lógica de tutelas mistas.

A DPHM concentra na sua estrutura um conjunto de Serviços, um modelo de gestão assente no território e no seu património:

- Serviço Administrativo e de Atendimento Público;
- Serviço Educativo;
- Serviço de Arqueologia;
- Serviço de Conservação e Inventário Geral;
- Serviço de Inventário e Estudo de Património Industrial;
- Serviço de Património Marítimo (Gabinete de Gestão de Embarcações Tradicionais);
- Centro de Documentação e Informação;
- Área de Investigação e de Projecto sobre Moinhos de Maré;
- Área de Investigação e de Projectos sobre Património e Cultura Flúvio-Marítimos;
- Área de Arquitectura e Património Cultural Imóvel

I.1.1.1 - Núcleo da Mundet

A Mundet é uma âncora histórico-cultural do Seixal e da sua população. É um testemunho de época, declaração de um conjunto de vivências e de hábitos, de processos e de experiências, se assim o quisermos.

O projecto de investigação e musealização do espaço por parte do EMS teve como ponto de partida a municipalização da antiga fábrica em Dezembro de 1996, com o desenvolvimento de um projecto de inventário e estudo do espólio industrial. Este núcleo museológico tem como principais objectivos a divulgação da sua história e a transmissão das memórias desta antiga fábrica de transformação corticeira, do núcleo urbano antigo do Seixal e das comunidades do Concelho e da região, bem como a preservação, o estudo, a interpretação e a comunicação do património industrial, nomeadamente do acervo incorporado e museologicamente gerido e a promoção e valorização do universo da cortiça na actualidade, nos contextos nacional e internacional:

*"O futuro programa museológico para a Mundet deverá adaptar-se e integrar as duas vertentes já enunciadas: a instalação e equipamento funcional essencial ao Ecomuseu e a musealização de espaços correspondendo à interpretação do património industrial da Mundet e da indústria corticeira, com os subsequentes projectos arquitectónicos e museográficos."*⁴

Em 1998 os resultados começam a mostrar-se ao público com a abertura do edifício das Caldeiras Babcock (requalificado já em 2000) e do Edifício das Caldeiras de Cozer Cortiça. Com o *Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do EMS* de 2001, e com base no trabalho já realizado, estabeleceu-se o programa de musealização para o espaço da antiga fábrica.

I.1.1.2 - Núcleo Naval

⁴ *Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS*, 2001, pag. 28 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

O Núcleo Naval em Arrentela encontra-se situado num antigo estaleiro naval, que esteve operacional até finais da década de 70 do século passado. Para este núcleo o EMS procurou aliar a memória do espaço com as técnicas e práticas a ele associadas:

O programa museológico (que) visa articular as diversas componentes espaciais, por um lado, e, mantendo como fio condutor a transmissão de técnicas, memórias e saberes ligados às actividades marítimas e à construção naval visa, por outro lado, garantir a flexibilidade necessária à renovação de conteúdos e de exposições temporárias.⁵

Uma primeira remodelação do espaço viria a instalar e reequipar a Oficina de modelos de barcos, em Maio de 1993. O espaço de acolhimento principal e de exposição de longa duração foi reequacionado arquitectónica e museograficamente, seguindo um programa da equipa do EMS, com o projecto de arquitectura do ateliê do arquitecto Cândido Chuva Gomes. É neste espaço que se desenvolve a exposição de longa duração *Barcos, memórias do Tejo* Desde 2009, à construção artesanal de modelos juntou-se o modelismo naval especializado, com um formador e investigador em arqueologia naval (Carlos Montalvão).

I.1.1.3 - Embarcações Tradicionais do Estuário do Tejo

O varino *Amoroso* e os botes de fragata *Gaivotas* e *Baía do Seixal*, embarcações tradicionais do rio Tejo, são propriedade da Câmara Municipal do Seixal, como acervo integrado no EMS.

Varino e bote de fragata constituem dois dos tipos de embarcações fluviais tradicionais - construídas em madeira - utilizadas aproximadamente até aos primeiros anos da década de setenta do século XX, circulando entre cais e portos do estuário do Tejo. A sua incorporação em acervo pressupõe desde logo a sua manutenção enquanto testemunho material do património do Tejo, com objectivos específicos relativos à sua incorporação em acervo e gestão:

- *contribuir para a conservação de património natural e cultural – material e imaterial - do estuário do Tejo;*

⁵ *Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS*, 2001, pag. 46 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

- *activar a transmissão dos saberes e das técnicas tradicionais de navegação à vela no contexto do estuário do Tejo e a construção das memórias colectivas ligadas à cultura marítima;*
- *promover a consciência ambiental e a cidadania activa, contribuindo para a construção e o auto-reconhecimento de comunidades ribeirinhas que assumam um papel organizado na preservação dos recursos naturais marinhos e fluviais.*

I.1.1.4 - Núcleo da Quinta da Trindade

Classificada como Imóvel de interesse público (Decreto n.º 516/71, de 22 de Novembro), a Quinta da Trindade encontra-se presentemente consignada a acomodar o Serviço de Arqueologia, o Serviço de Conservação e Inventário Geral, as Reservas e a Área de Arquitectura e Património Cultural Imóvel do EMS.

Os primeiros registos referentes a construções na zona remetem para a 2ª metade do século XV:

... à existência de construções no local que actualmente corresponde a este imóvel remontam pelo menos a 1468, época em que D. Brites Pereira, viúva de Rui de Melo, Almirante de Portugal, adquiriu propriedades no Cabo da Azinheira, entre as quais se incluía um lagar de vinho e casas com uma torre, o que revela tratar-se de uma construção de prestígio. Aquando da sua morte, em 1483, a propriedade foi deixada em testamento a uma instituição monástica da cidade de Lisboa: o Mosteiro da Ordem da Santíssima Trindade, consagrada ao resgate de cativos cristãos capturados por muçulmanos. Na sequência da extinção das ordens monásticas masculinas, ocorrida em Portugal em 1834, a Quinta da Trindade foi integrada na Fazenda Nacional e vendida em hasta pública ao conselheiro Joaquim Inácio de Lima. Desde então, conheceu diversos proprietários, entre os quais se contam Francisco Azevedo e Sá, presidente da Câmara Municipal do Seixal em 1881, o Conde de Farrobo, Jean Henri Burnay, Manuel Francisco Gomes Júnior e Manuel Martins Gomes Júnior.⁶

Em 1982, depois de um período conturbado, um processo de urbanização da área levou a que o edifício entrasse na posse da Câmara Municipal do Seixal. Já sob a gestão do EMS, foram levadas a cabo obras gerais a nível das coberturas, acções de conservação (azulejaria e pinturas murais), bem como uma intervenção arqueológica de emergência num antigo forno de fundição.

⁶ Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 25/10/2011).

I.1.1.5 - Núcleo da Quinta do Rouxinol

O núcleo museológico da Quinta do Rouxinol foi delineado com vista à preservação e manutenção *in situ* das estruturas dos antigos fornos romanos aí encontrados. O sítio foi classificado em 1992 como Monumento Nacional (Dec. 26 A/92, de 1 de Junho), segundo proposta da Câmara Municipal do Seixal.

Localizada na freguesia de Corroios, esta foi a primeira olaria romana a ser identificada no estuário do Tejo:

A olaria da Quinta do Rouxinol (bem como a que veio a ser posteriormente localizada no Porto dos Cacos) alterou radicalmente o conhecimento que se tinha da ocupação desta zona na época, assumindo assim grande importância nacional e, até, internacional, uma vez que o estudo do seu espólio contribuiu também para a compreensão das relações comerciais no império romano, sobretudo as que respeitam ao comércio a longa distância⁷.

Em 1986, trabalhos de saneamento básico no espaço da quinta levaram à descoberta do primeiro de três fornos. A sua manutenção *in situ* viria a viabilizar as escavações arqueológicas que se viriam a realizar, até ao ano de 1991.

A autarquia tem em desenvolvimento um programa de interpretação e valorização do sítio que preconiza a um conjunto de princípios orientadores que visam não somente a salvaguarda e estudo do sítio arqueológico, mas também as possíveis interações enquanto parte orgânica do EMS, nomeadamente o enquadramento com o meio e demais recursos, como a promoção de actividades ligadas à olaria tradicional portuguesa.

I.1.1.6 - Núcleo do Moinho de Maré de Corroios

Classificado como Imóvel de Interesse Público em 1984, o Moinho de Maré de Corroios foi tornado propriedade municipal em 1981.

⁷ Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS, 2001, pag. 36. [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

Os pressupostos da sua musealização assentam nas linhas gerais do EMS, uma vez que este *núcleo museológico visa*⁸:

- *Contribuir para a valorização e divulgação junto dos diferentes públicos do património construído e natural do concelho do Seixal;*
- *Contextualizar historicamente o edifício e a actividade que o mesmo representa, nos planos nacional e internacional;*
- *Realçar a sua integração no meio envolvente, designadamente no sapal de Corroios;*
- *Evidenciar a sua evolução construtiva;*
- *Valorizar os princípios técnicos e tecnológicos utilizados;*
- *Valorizar o acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal ligado à moagem tradicional.*

Mandado construir por D. Nuno Álvares Pereira em 1403, foi depois doado ao Convento do Carmo, ficando na posse dos carmelitas até 1834. Na sequência da extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1836 foi adquirido por João Luis Lourenço.

No século XX, enquanto propriedade municipal e já como núcleo do EMS, o Moinho de Maré de Corroios abriu ao público em 1986. Entre 2000 e 2008, foi objecto de uma campanha de obras de conservação e requalificação.

De destacar que o Moinho de Maré de Corroios, que se situa na maior mancha de sapal existente no concelho do Seixal, integra a Reserva Ecológica Nacional (REN).

I.1.1.7 - Extensão na antiga Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços

Em 1997, ainda antes da desactivação da fábrica de pólvora da Sociedade Africana de Pólvora, em Vale de Milhaços, o EMS procedeu ao início do levantamento e registo funcional do circuito da pólvora negra. O seu valor patrimonial foi equacionado como uma mais-valia:

O património industrial da SAP é, portanto, considerado um recurso de desenvolvimento local, preconizando-se que venha a assumir, complementarmente ao

⁸ Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 25/10/2011).

projecto museológico, um papel valorizador dos espaços envolventes em processo de urbanização, podendo-se prever a associação ou a gestão coordenada com outros projectos culturais e turísticos, de interesse municipal e nacional. Tanto a programação como a forma de gestão desta unidade museológica deverão ser concebidas e desenvolver-se articuladamente com a estrutura municipal actualmente existente, Ecomuseu Municipal, aprofundando o modelo de integração numa rede de núcleos e/ou unidades museológicas de sítio e patrimoniais, com conteúdos e percursos expositivos sistematizados entre si, que tem por base o território do concelho do Seixal. Para além do aproveitamento integrado de serviços museológicos programados em comum ou de forma articulada, nomeadamente nas áreas da investigação e da documentação, o propósito de desenvolver a gestão em rede aposta na prestação de serviços a públicos-alvo também comuns e na promoção de itinerários patrimoniais e culturais diversificados, enriquecendo globalmente a oferta prestada a nível concelhio e regional⁹.

O resultado foi um projecto de valorização do circuito. Junto do antigo IPPAR, foi entregue em 1999 uma proposta de classificação do património industrial da Sociedade Africana da Pólvora, tendo o processo sido aberto no ano que se seguiu.

Seguindo a sua missão de salvaguarda e divulgação patrimonial, o Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do Ecomuseu estabeleceu a constituição de uma extensão museológica na antiga fábrica da pólvora.

I.1.1.8 - Extensão na Quinta de São Pedro

Entre 1994 e 2006, o Serviço de Arqueologia do EMS escavou na Quinta de São Pedro uma necrópole Medieval-Moderna (séculos XIII a XVIII). Foram identificados cerca de 115 enterramentos. Os mais antigos estão datados do período do reinado de D. Afonso III (1248-1279) e permitem inferir sobre práticas funerárias mais antigas do que aquelas registadas nas fontes escritas.

I.1.1.9 - Extensão no Espaço Memória - Tipografia Palaio

⁹ Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do EMS, 2001, pag. 51. [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

A tipografia popular Palaio foi instalada por Augusto Palaio no Seixal no ano de 1955, estando desde essa altura na posse da família Palaio. Estando a trabalhar até ao ano de 2006, procurou sempre manter uma forte ligação aos métodos tipográficos tradicionais, que retomou em contexto museal, mediante algumas adaptações e a introdução de recursos museográficos:

O espaço da tipografia foi "alvo de um processo de requalificação, promovido pela Câmara Municipal do Seixal, no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional [QREN] - Acção Integrada de Regeneração e Valorização da Frente Ribeirinha Seixal-Arrentela, a antiga oficina tipográfica mantém uma referência identitária específica, relacionada com o espaço concreto que ocupou durante cerca de cinco décadas, o que confere a este projecto uma singularidade e autenticidade que o distinguem de intervenções similares".¹⁰

I.1.2 - O Conceito de Património Cultural

Partindo de um conceito alargado de património cultural e procurando desenvolver nos seus projectos várias formas para a sua valorização, em estreita articulação com a envolvente social e humana e com o meio, o EMS incorpora e gere como seu acervo tanto património imóvel como património móvel, em ambos os casos associados a património imaterial.

O EMS patenteia nas suas linhas gerais de actuação uma abordagem pluridisciplinar aos seus acervos e colecções. Esta perspetivação do trabalho em contexto de museu pode ser entendida como o cruzamento de áreas científicas tão distintas como a História, a Etnografia, a Arqueologia, a Conservação, mediante as necessidades do projecto em causa.

I.1.3 - A preservação *in situ*

Trata-se de uma das características patrimoniais da gestão patrimonial do EMS, e uma das lógicas funcionais em que assenta o tratamento museográfico nos vários espaços conservados e apresentados ao público, partindo da natureza e da especificidade do acervo.

¹⁰ Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 28/10/2011).

O projecto museográfico para o Núcleo da Mundet privilegiava a musealização de determinados segmentos (Edifícios das caldeiras Babcock & Wilcox e Edifício das caldeiras de cozer) que compunha a antiga fábrica corticeira, bem como determinou a instalação dos serviços centrais do Ecomuseu;

O Moinho de Maré de Corroios teve um amplo plano de adaptação à função museológica, gizado com base na multidisciplinaridade da investigação e que pretende conjugar num discurso expositivo a componente arquitectónica (recuperação do edifício), a componente de património material (todo o sistema tradicional de moagem), bem como o património imaterial (o ofício de moleiro).

A extensão da Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços assente num projecto de valorização do antigo circuito da pólvora negra;

A olaria romana na quinta do Rouxinol aguarda desenvolvimentos com vista à sua futura musealização, estando esta prevista no Programa de Qualificação e Desenvolvimento do EMS.

Foram detectados no sítio arqueológico dois fornos e vestígios de um terceiro. Estas estruturas destinar-se-iam a cozer as ânforas e a loiça doméstica que era produzida na olaria da Quinta do Rouxinol. Apresentam vestígios a nível dos seus fundamentos base, com uma planta piriforme, da qual ainda subsiste parte da câmara de combustão, bem como a zona do corredor de acesso. Junto das paredes encontram-se as bases das arcarias que delimitariam o espaço, sobre as quais assentaria a grelha perfurada. Foram também localizadas duas fossas de despejo de materiais cerâmicos, utilizadas como depósito de peças com defeito de fabrico ou que se tenham partido durante o processo de produção, bem como uma pequena estrutura de cozedura de pequenas dimensões.

A exploração das potencialidades deste recurso cultural, aberto à comunidade local, é claramente um dos objectivos a atingir:

*...atendendo à dinâmica de iniciativas que o mesmo deverá gerar, também se propõe a instalação de **outros recursos relacionados com a produção de cerâmica**, que transformem o espaço numa zona interactiva apelativa à participação dos seus utilizadores, atendendo a que se insere numa área densamente habitada e com poucas alternativas lúdicas e culturais; para além disso, está na proximidade de um conjunto de estabelecimentos de ensino, que vai*

do ensino primário ao secundário, permitindo a exploração de programas comuns de integração escola meio¹¹.

O contexto arqueológico é colocado em destaque através das suas hipóteses de exploração, mas que ultrapassam claramente o referido âmbito escolar¹²:

- *a instalação de um atelier de produção de miniaturas e réplicas de peças arqueológicas, utilizando o forno eléctrico de que a autarquia já dispõe no local. Assim se daria continuidade à actual utilização deste equipamento pelo Centro de Arqueologia de Almada, que poderia aí manter a sua produção de miniaturas de ânforas e outro espólio arqueológico, procurando-se garantir que o protocolo existente entre a autarquia e essa associação passasse a prever a rentabilização pedagógica desse trabalho (com possibilidade de visitas e observação em horários planeados), bem como o apoio a iniciativas pedagógicas do serviço educativo do Ecomuseu na área da produção ecozedura de materiais cerâmicos, com recurso às tecnologias modernas.*
- *a criação de um espaço de olaria tradicional, onde seja possível realizar desde a preparação da matéria-prima, ao trabalho da roda, à secagem e à cozedura das peças. A organização desta zona carece de um estudo de pormenor que reconstitua a funcionalidade deste tipo de instalações, contemplando a construção de um forno a lenha e a possibilidade de exploração de diversas outras técnicas da olaria tradicional.*
- *atendendo a que, juntamente com a lenha, a água é um elemento fundamental para este tipo de actividade, o enquadramento desta área deveria contemplar a manutenção e eventual recuperação do poço/mina de água que servia a antiga Quinta do Rouxinol.*

I.2 - Enquadramento e caracterização do trabalho de estágio

Um estágio de via profissionalizante numa entidade museológica compreende na sua realização uma forte componente teórico-prática, transversal a

¹¹ Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do EMS, 2001, pag. 41 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

¹² Programa de Qualificação e de Desenvolvimento do EMS, 2001, pp 41/42 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

todo o trabalho de desenvolvimento de competências e saberes previamente adquiridos em outras experiências profissionais, e concretização de novas aprendizagens adquiridas durante o percurso académico do curso de mestrado.

I.2.1 - A exposição temporária "*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)*"

O EMS acolheu-me como estagiário e proporcionou-me um vasto plano de trabalho ligado à preparação, produção e abertura ao público de uma das suas mais recentes e significativas exposições temporárias, dedicada à Olaria Romana da Quinta do Rouxinol. Esta exposição esteve inserida na planificação plurianual do EMS, contemplada nas Grandes Opções do Plano da Câmara Municipal do Seixal entre 2008 e 2009, portanto tendo afectos os necessários recursos materiais, humanos e financeiros. De acordo com o modelo interno de gestão do EMS, e dado que a minha orientadora na instituição, Graça Filipe, era simultaneamente directora da entidade museal e uma das responsáveis pela coordenação do projecto expositivo (juntamente com Jorge Raposo), o processo de orientação e de acompanhamento do meu estágio proporcionou-me um bom ritmo de desempenho e um regular desenvolvimento do meu trabalho.

O EMS, em parceria com o Museu Nacional de Arqueologia (MNA), apresentou à edição de 2007 do Programa ProMuseus do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) a sua candidatura com o projecto de exposição/investigação *Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal)*.

Tal como consta no documento de candidatura ao ProMuseus 2007, os objectivos a atingir com a realização da exposição temporária eram:

- *Desenvolvimento da investigação que vem incidindo sobre a olaria romana da Quinta do Rouxinol e o espólio aí recolhido nas campanhas de escavação realizadas entre 1986 e 1991, presentemente integrado no acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal;*
- *Elaboração de programa museológico e projecto museográfico de exposição temporária a exhibir no Museu Nacional de Arqueologia.*

- *Divulgação do património arqueológico do Seixal junto de públicos alargados, explorando as potencialidades do Museu Nacional de Arqueologia enquanto ferramenta importante para a visibilidade nacional e internacional do sítio e das colecções daí provenientes, de modo a ultrapassar a insuficiente informação sobre os centros de produção oleira da antiga província romana da Lusitânia;*
- *Criação de condições para a posterior rentabilização de conteúdos e materiais expositivos em acções de âmbito local no concelho do Seixal, nomeadamente no contexto do programa de valorização e musealização da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol / programa de qualificação e desenvolvimento do Ecomuseu Municipal do Seixal;*
- *Criação de condições para a divulgação nacional e internacional de conteúdos elaborados no âmbito do projecto expositivo, nomeadamente através da sua inserção em bases de dados on-line.*

A candidatura pretendia levar a cabo um desenvolvimento mais sustentado do Programa de Valorização e Tratamento Museológico do sítio arqueológico, dando relevância à investigação do espólio dele proveniente e à sua divulgação. Ao projecto da exposição foi anexado um plano de trabalho. Este decorreria entre 2 de Julho de 2007 e 30 de Junho de 2008, ao qual os serviços do EMS estariam ligados, bem como um técnico superior com formação nas áreas da Arqueologia e Museologia e um Consultor Científico de méritos firmados.

Durante este intervalo de tempo desenvolveram-se um conjunto de práticas ligadas à definição e execução do projecto museológico, à selecção e documentação do acervo, à selecção e produção de materiais gráficos, à proposta de reconstituição do forno e à conclusão do guião museológico.

Beneficiando do facto de o Museu Nacional de Arqueologia ser um dos museus portugueses com maior número de visitantes, a exposição a apresentar num dos seus espaços de programação temporária potenciava à partida a divulgação de um sítio arqueológico que à data não reunia condições de visita pública.

A exposição temporária "*Quinta do Rouxinol - uma olaria romana na Quinta do Rouxinol [Corroios/Seixal]*", inaugurada a 19 de Março de 2009 e ainda patente na sala de exposições temporárias do Museu Nacional de Arqueologia remete-nos para o sítio arqueológico da olaria romana e para as suas estruturas e

acervo como um ponto de partida para uma reflexão mais abrangente. Trata-se de uma exposição que privilegia num mesmo espaço e num mesmo discurso temáticas como a arqueologia e a etnografia, procurando desde logo traçar paralelos e identificar pontos em comum. Ao longo de 11 segmentos¹³, o visitante pode seguir a lógica que esteve a montante da programação da exposição:

Ponto 01 - Uma olaria romana no estuário do Tejo: a descoberta

Através de textos e fotografias em contexto de trabalho, é dada a conhecer ao visitante alguma informação sobre o sítio arqueológico (identificação e cronologia dos trabalhos arqueológicos realizados), contemplando a sua inserção no projecto de investigação "*Ocupação romana na margem esquerda do Tejo*". Este primeiro ponto de contacto disponibiliza um breve conjunto de informações, com o intuito de contextualizar o sítio arqueológico no discurso museográfico.

Ponto 02 - A olaria em época romana

Primeira introdução relativa à cerâmica, centrada no lugar que o trabalho do barro (e o seu produto final) ocupava no período romano: as olarias como centros de produção contínua e intensiva (à semelhança da olaria do Rouxinol), o seu papel no comércio e no quotidiano das populações.

Ponto 03 - A olaria

Ponto relativo à olaria tradicional portuguesa. Através de dois audiovisuais (cuja produção esteve relacionada com um dos pontos do estágio realizado), fotografias, esquemas e texto, apresenta-se um conjunto de processos, métodos e técnicas relativas ao processamento do barro. A "*cadeia operatória do trabalho do barro*" demonstra um encadeado sucessivo de fases, desde a extracção do barro até ao desenformar final, em vários contextos de produção. Fruto da investigação etnográfica levada a cabo neste âmbito, os segmentos de imagem, rodados entre as

¹³ Consultar Anexo VI do Anexo Documental

décadas de 70 e 80 do século passado, ilustram explicitamente a organização produtiva do trabalho. Partindo do pressuposto da transmissão do conhecimento entre as várias gerações de oleiros, procura-se estabelecer aqui um paralelo de comparação entre os contextos produtivos actuais com os do período romano.

Ponto 04 - Os fornos de cerâmica

Introduz-se neste ponto a temática dos fornos. São apresentados ao visitante um conjunto de esquemas que ilustram o contexto produtivo em pleno período romano: tipologia de plantas de forno, técnicas e procedimentos de cozedura utilizadas. Procura-se já aqui correlacionar as duas realidades (olaria romana e olaria tradicional) na sua componente estrutural, sendo que esta só acaba por ser concretizada no ponto seguinte.

Ponto 05 - Um forno na Quinta do Rouxinol

A partir de uma proposta de restituição do forno, construiu-se segundo o modelo gizado um forno em escala natural. Esta proposta teve como bases a investigação arqueológica (estrutura de um dos fornos da Quinta do Rouxinol e paralelos com estruturas arqueológicas similares, em Portugal e no estrangeiro; o estudo de soluções arquitectónicas de Época Romana) e a investigação etnográfica (recolha oral junto dos oleiros de Mafra e Viana do Alentejo) relativa a métodos e técnicas de enformamento e cozedura em estruturas similares e investigação sobre a olaria tradicional portuguesa;

O forno apresenta duas câmaras distintas (combustão e cozedura). É fechado através de várias camadas de cacos, que desta forma colmatam a ausência de uma abóbada. Este processo é ilustrado numa moldura digital com uma animação 3D, e complementado com um conjunto de fotografias das estruturas do sítio arqueológico.

Ponto 06 - A investigação na Quinta do Rouxinol

Ponto dedicado à investigação no sítio. Remete desde logo para o projecto "*Ocupação romana na Margem esquerda do estuário do Tejo*". Apresenta o sítio em plena escavação arqueológica, através do recurso a fotografias e respectivos descritores. Cinco molduras digitais individualizam as estruturas arqueológicas.

Ponto 07 - As produções da olaria da Quinta do Rouxinol

Identificação das principais produções da olaria romana da Quinta do Rouxinol: ânforas, loiça utilitária e lucernas. Se o visitante pode neste ponto ligar os tipos de ânfora ao papel da olaria da Quinta do Rouxinol e aos mecanismos comerciais da época, também se apercebe que muitas das formas de então chegaram aos nossos dias quase intactas: pratos, taças e tigelas (e até mesmo as lucernas) mantiveram até aos nossos dias as mesmas funções.

Ponto 08 - A actividade do oleiro

A ausência de informação sobre regimes de propriedade ou trabalho no período romano estende-se à actividade do oleiro. Remetendo-nos uma vez para a recolha etnográfica realizada, podemos inferir na mesma linha de investigação, que a transmissão do conhecimento era feita de geração em geração. O "aprendiz " aprendia directamente com o "mestre" oleiro. Havendo na grande maioria dos casos uma relação de parentesco entre eles, a transmissão das técnicas era feita através da observação e da posterior colocação em prática.

Ponto 09 - O contexto social

A existência de um contrato de oleiro preservado no Egipto dá ao visitante uma ideia de como seria a vida de um oleiro: enquanto artesão livre, colocava-se ao serviço de um proprietário. Cabia ao primeiro fornecer o *know how* e ao segundo fornecer as estruturas de produção. Não sabemos ao certo até que ponto isto pode ser generalizado, mas na pesquisa oral realizada em Mafra e Viana do Alentejo há

notícia de oleiros trabalharem para um mestre, que por sua vez lhes colocava à disposição os meios de produção.

Ponto 10 - O local e o exógeno

Moedas e diversos materiais cerâmicos indiciam contactos comerciais com outras regiões (Norte de África e Sul de Espanha), bem como a presença de uma comunidade local permanente. Alguns destes materiais servem como indicadores das balizas cronológicas relativas ao período de funcionamento da olaria e das trocas comerciais nas quais se encontrava envolvida.

Ponto 11 - A valorização da olaria da Quinta do Rouxinol

Neste ponto são apresentadas as linhas gerais do programa de valorização da olaria romana da Quinta do Rouxinol, com vista à sua futura musealização, integrada na estrutura descentralizada do ecomuseu. Pretende-se interligar a sua preservação *in situ* com as dinâmicas dos diversos públicos, sem esquecer a sua envolvência.

I.2.2 - O plano de trabalho proposto

Realizado entre os dias 17 de Novembro de 2008 e finais de Março de 2009, o trabalho a desenvolver centrava-se num conjunto de tarefas englobadas na preparação da exposição temporária “*Quinta do Rouxinol – Uma olaria romana no estuário do Tejo*”, designadamente:

- Apoio à produção dos audiovisuais;
- Visionamento de imagens adquiridas ao arquivo da RTP, identificando ao segundo os excertos que poderiam ilustrar as várias fases da cadeia operatória da argila, na sua preparação, modelagem das peças, enxugo,

cozedura (com destaque para diferentes tipologias de fornos, ou aspectos técnicos importantes deste trabalho), desenformamento e comercialização ou uso;

- Identificação/elenco dos excertos (devidamente descritos) que deviam integrar os conteúdos (para um vídeo que não devia exceder, no total, 8 minutos);
- Preparação de proposta de conteúdos para vídeo “animado” com personagem, usando por base a mesma selecção de conteúdos (este vídeo destinar-se-ia a públicos infantis);
- Elaboração de propostas-base de fichas de exploração temática – apontando três temas:
 1. As técnicas da olaria tradicional, com particular incidência no funcionamento do forno cerâmico (pontos 5 a 7 do guião);
 2. As ânforas (ponto 9);
 3. A loiça de cozinha e de mesa, com eventual ligação a outros aspectos do quotidiano, como a iluminação, por exemplo lucernas;
- Participação nas reuniões internas de trabalho e articulação entre serviços, respeitantes ao projecto da exposição;
- Organização e manutenção (segundo um índice aprovado) de um dossiê técnico de apoio à gestão do programa de comunicação da exposição;
- Elaboração de uma proposta e organização (segundo resumo de conteúdos aprovados) do dossiê documental de informação e apoio aos mediadores e técnicos de atendimento público na exposição;

I.2.3 - O plano de trabalho e a inserção do estagiário nos serviços do EMS

Para a realização do estágio e para atingir os objectivos propostos enquanto estagiário, fui progressivamente inserido nos serviços do Ecomuseu, pelos quais estava distribuída a concretização das várias componentes disciplinares e técnicas do projecto, bem como as respectivas tarefas a executar.

Internamente, o EMS funciona com base nos serviços e áreas que anteriormente elenquei e cuja articulação se desenvolve em torno dos coordenadores de Serviços e dos técnicos das Áreas, assegurada transversalmente e sob a direcção da chefia de divisão (cargo de direcção e responsabilidade técnica do Ecomuseu). A concretização do plano de actividades e de todos os projectos nele inserido reparte-se assim pelos diversos serviços e áreas, de acordo com a afectação de recursos superiormente planificada.

A tabela que se segue ilustra a distribuição do trabalho que desenvolvi e a articulação das distintas tarefas com os diversos serviços do EMS:

<u>Trabalho desenvolvido no âmbito do estágio em articulação com os Serviços do EMS</u>	
Serviço de Arqueologia	<ul style="list-style-type: none">• Apoio à produção dos audiovisuais;• Estabelecimento da cadeia operatória do trabalho do barro a partir de um conjunto de audiovisuais recolhidos nos Arquivos da RTP;
Serviço Educativo	<ul style="list-style-type: none">• Elaboração de propostas-base para fichas de exploração temática, em colaboração com o Serviço de Arqueologia;
Centro de Documentação e Informação	<ul style="list-style-type: none">• Elaboração de um dossiê técnico de apoio à gestão do programa de comunicação da exposição;• Organização do dossiê documental de informação e apoio aos mediadores e técnicos de atendimento público na exposição;

Em colaboração permanente com todos os Serviços do EMS, o plano de estágio, ao apresentar variadas vertentes e diferentes índoles de trabalho, pretendia, no âmbito do estágio profissionalizante, propiciar ao estagiário uma experiência em situação real de trabalho, onde poderia desenvolver a sua actividade em planos

funcionais diversos de uma instituição museal. Foi proposto um plano de estágio, com vista a atingir os seguintes objectivos:

- Compreensão do funcionamento global da entidade museológica, conhecendo o seu enquadramento programático, a sua missão e objectivos gerais, assim como os objectivos específicos dos serviços; compreender a actuação do EMS em contexto de parceria com outras entidades museais e em interacção com comunidades e grupos de interesse específicos;
- Conhecer um dos principais sítios arqueológicos do Concelho e todo o património que se lhe associa, numa visão holística da valorização do património, material e imaterial;
- Conhecer as distintas áreas funcionais do EMS e nelas integrar a sua acção profissionalizante, devidamente planeada e acompanhada - em particular, a área de investigação (e de projecto de comunicação) e a área de educação e de públicos - desenvolvendo processos de trabalho transversais àquelas e outras áreas funcionais do EMS (tais como a documentação e a conservação);
- Participar na produção do projecto de comunicação associado ao programa científico de uma exposição temporária. Em particular, participar nas iniciativas e apoiar a actividade dos serviços do EMS (durante o período de estágio/de permanência do estagiário na instituição), acompanhando sempre que possível os aspectos específicos ao enquadramento do projecto, em parceria com o Museu Nacional de Arqueologia;

I.2.4 - O Serviço de Arqueologia (SA) e a preparação dos audiovisuais para o ponto 03 da exposição

O Serviço de Arqueologia do Ecomuseu encontra-se localizado no núcleo da Quinta da Trindade, juntamente com as reservas e com o serviço de Conservação e Inventário geral. É coordenado por Jorge Raposo¹⁴. Também integra os assistentes técnicos (de Arqueologia) Cézer Santos e José Henrique António, bem como a colaboradora Olga Antunes, em regime de prestação de serviços.

¹⁴ Jorge Raposo foi o responsável pelas três campanhas de escavações que tiveram lugar na Quinta do Rouxinol entre 1986 e 1991 e é um dos comissários da exposição.

Por motivos de ordem do trabalho e de compromisso com outras instituições envolvidas na sua preparação, o trabalho começou pelas tarefas de preparação dos audiovisuais relativos à olaria.

A visualização dos videos, através do Centro de Documentação e Informação, recolhidos no arquivo da RTP, teve desde logo a supervisão de Jorge Raposo. Esta colaboração permitiu uma troca de impressões constante entre os conteúdos visionados e o que deles era pretendido para efeitos museográficos. Desta forma duas experiências (profissionais e de investigação) convergentes (o contexto produtivo oleiro de Viana do Alentejo e o âmbito arqueológico da olaria em período romano) começaram a encontrar um vértice comum de investigação.

Alargada a toda a equipa, o processo de interacção teve como consequência a alteração na metodologia seguida, o que acabou por se reflectir no trabalho em si: mantendo os propósitos originais, a preparação dos audiovisuais passou a incidir sobre todo um processo de segmentação e respectivo tratamento de imagem e som, complementando a identificação e interpretação das recolhas do Arquivo da RTP. Todo o trabalho a realizar, agora em suporte informático, permitiu um maior controlo sobre as temáticas e sobre os conteúdos a constarem dos audiovisuais. A partir de um guião, ajustado aos objectivos programáticos da exposição e do produto audiovisual em causa, com indicações de cortes, duração e legendas, foi possível remeter para a empresa de museografia e design um conjunto de estruturas de montagem que seriam construídos com base nos segmentos já preparados, ficando somente a seu cargo a montagem e a inserção de toda a componente gráfica em falta, nomeadamente o logo da exposição, as legendas e a ficha técnica final.

I.2.5 - O Serviço Educativo (SE) e o Programa de Iniciativas associado à exposição temporária "*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo*"

O Serviço Educativo do EMS é composto por três técnicas superiores (Ana Isabel Apolinário, Carla Costa e Madalena Campos), estando sediado no Núcleo da Mundet/Serviços Centrais. A sua missão é *promover a acção cultural do Ecomuseu e gerir a comunicação com os públicos e os utilizadores centrada nos seus núcleos*

*e extensões museológicas, assim como noutros recursos patrimoniais do seu território de referência*¹⁵

Na fase inicial da minha experiência de estágio e com o objectivo de conhecer os princípios orientadores do trabalho desenvolvido pelo SE, assisti, com o estatuto de observador, à dinamização de ateliês, visitas temáticas e outras iniciativas realizadas nos diversos espaços museológicos, e consultei a documentação disponível sobre a sua actividade no Centro de Documentação e Informação do EMS.

Um dos documentos de referência do meu estágio foi a Proposta de Programa de Iniciativas de Serviço Educativo associado à exposição “*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo*”, elaborada pelo SE em estreita articulação com o SA. As linhas orientadoras deste programa foram traçadas com base nos conteúdos científicos da exposição, tendo as iniciativas propostas sido idealizadas em função de públicos específicos e procurando ter em conta duração e regularidade variáveis, diferentes tipologias, abordagem multidisciplinar da temática da exposição e o estabelecimento de parcerias (internas/CMS ou externas).

Ao longo do período de estágio e mesmo após a sua conclusão, colaborei activamente na concepção, programação e dinamização das iniciativas previstas no referido programa. Este processo envolveu a minha participação nas reuniões realizadas entre o SE e o SA, onde foram discutidos e definidos os objectivos, os conteúdos, as estratégias de dinamização, o programa e os documentos/materiais de apoio pedagógico para cada iniciativa.

I.2.6 - O Centro de Documentação e Informação (CDI) e a preparação do dossiê documental

O Centro de Documentação e Informação do Ecomuseu Municipal do Seixal encontra-se também ele sediado no edifício dos Serviços Centrais do EMS. É composto por duas técnicas superiores - Fernanda Ferreira e Ana Machado - e três assistentes técnicas: Fernanda Machado, Luz Correia e Dulce Ferreira.

¹⁵ Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 25/10/2011)

Constituído em 1982, o CDI afirmou-se desde sempre como um dos instrumentos fundamentais para o cumprimento da respectiva missão do EMS, de investigação, conservação, interpretação e difusão dos testemunhos representativos da ocupação humana e da natureza, reportados ao território do município do Seixal, contribuindo para a transmissão e construção das memórias colectivas e das identidades locais.¹⁶

A colaboração do CDI e das suas técnicas foi um auxiliar precioso na elaboração dos dossiês de apoio à exposição: no seguimento de indicações de Jorge Raposo e Graça Filipe, procedeu-se a um levantamento exaustivo de bibliografia relativa a um conjunto de temáticas relacionadas com o âmbito da exposição.

A organização do dossiê documental, com a solicitação de várias espécies documentais (Relatórios de escavações, Monografias, periódicos, audiovisuais) permitiu perspectivar todo o trabalho de organização e arquivo documental que é levado a cabo neste serviço.

¹⁶ Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 25/10/2011)

Capítulo II – Desenvolvimento do projecto no âmbito da exposição temporária

II.1 - O programa museográfico

Um dos eixos do programa museológico assentou na comparação de um conjunto de preceitos pré-definidos durante o processo de delimitação de objectivos. Em contexto de investigação e de exposição, incorporou-se no discurso expositivo um núcleo relativo à olaria tradicional portuguesa.

A comparação etnico-arqueológica entre a olaria romana e a olaria tradicional portuguesa pretende salientar uma linha evolutiva contínua das técnicas, métodos e contextos, desde o século II d.C até aos nossos dias.

A propósito das deslocações da equipa ao Sobreiro (Mafra) e à olaria de Álvaro Silvestre Gomes, onde Paulo Franco iria executar as peças a constar do ponto 07 da exposição, foi possível presenciar a elaboração precisa das réplicas de ânforas e peças de loiça utilitária, bem como as técnicas de modelação utilizadas.

Os centros oleiros de Mafra¹⁷ e Viana do Alentejo traduziram-se desta forma nas duas principais referências operacionais (mas não únicas) sobre olaria tradicional no contexto expositivo. As menções a estes dois centros oleiros são transversais aos trabalhos de preparação da exposição, quer no plano museográfico e museológico (audiovisuais sobre olarias em Viana do Alentejo¹⁸ e Mafra¹⁹ recolhidas no Arquivo da RTP), quer a nível do Programa de Iniciativas Complementar da exposição (Visitas temáticas “À Roda do Oleiro” realizadas em Viana do Alentejo e em Mafra).

¹⁷ Ao contrário de Viana do Alentejo, a olaria de Mafra encontra-se exemplarmente estudada e esquematizada na obra de Manuel Gandra intitulada *A Cerâmica Tradicional de Mafra*.

¹⁸ Rodado em Viana do Alentejo a 1 de Janeiro de 1973, esta reportagem sem título remete-nos para uma olaria alentejana. Identificada como a “olaria do Convento”, terá também funcionado como escola de olaria na vila alentejana. Este documentário em apresenta o trabalho de roda, o vidrado, o enfiar e a colocação de lenha na fornalha.

¹⁹ Datado de 1986, o vídeo apresenta uma reportagem intitulada *As profissões – II – Oleiro*. Esta foi rodada numa olaria em Mafra. No videograma são apresentadas algumas das fases do trabalho do barro, como a preparação do barro, modelagem, forno, pintura, e a venda dos produtos na feira

Seguindo as indicações do plano de estágio, procedeu-se à preparação de conteúdos para a elaboração de dois guiões que iriam estar na base de dois multimédia. Preparados para públicos distintos, os dois guiões eram destinados a um futuro suporte multimédia, sendo o primeiro tratamento de segmentação executado na fase de preparação de conteúdos. O guião para público generalista²⁰ foi estruturado em torno de uma narrativa simples, que contemplava as principais fases do trabalho do barro, nomeadamente da extracção do barro até ao desenformar.

As fases da cadeia operatória do trabalho do barro encontram-se presentes numa selecção de imagens inerentes às sequências de trabalho apresentadas. A este conjunto são adicionadas duas componentes áudio: música de fundo, que percorre a totalidade do multimédia, e uma brevíssima explanação que contextualiza o processo e a evolução do trabalho do barro.

O guião para públicos infantis/juvenis²¹ traduziu-se num produto final de multimédia avançada, mais concretamente num multimédia multiplataforma, uma vez que combina um conjunto de segmentos vídeos com a teatralização de uma personagem. Esta personagem integra no seu discurso imagens através das quais vai apresentando o encadear de operações que leva à peça final em barro.

O recurso a audiovisuais, resultados de uma prévia pesquisa levada a cabo pela equipa do EMS no Arquivo da RTP e sua conseguinte aquisição, consigna ao ponto 03, com uma função contratualizadora relativa a todo o discurso expositivo, na medida em que tem como objectivo apresentar ao visitante uma visão concertada das fases de trabalho do barro, assente em premissas de investigação científica. Como fontes primárias para trabalhar encontramos um conjunto de quatro audiovisuais que remetem para quatro ambiências de laboração do barro geograficamente distintas: perto de Montemor-o-Velho, no casal do Redinho, profissão de oleiro em Mafra, a prática em Lisboa e o testemunho de Viana do Alentejo. Esta diversidade geográfica²² permitiu identificar uma cadência de procedimentos e técnicas, comuns a todas as realidades analisadas, sob a perspectiva de abarcar elementos aglutinadores e convergentes que, incorporados no discurso da exposição, trouxessem uma mais-valia ao contexto expositivo. É

²⁰ Consultar Audiovisual_Geral do Anexo Multimédia

²¹ Consultar Audiovisual_PIJ do Anexo Multimédia

importante salientar que, para além da valorização do discurso expositivo, a pesquisa de fontes etnográficas e o trabalho de campo nas olarias tradicionais teve também um objectivo científico, uma vez que os dados assim obtidos foram essenciais para o estudo e a proposta de restituição do forno, tanto nos seus aspectos arquitectónicos, como no modo de funcionamento.

No contexto do projecto comunicativo da exposição, assegura um outro contexto que é incorporado no discurso museográfico: a produção em contexto de olaria. A informação que é desta forma apresentada ao visitante poderá ser encarada como um complemento bastante importante da temática da exposição. Como é referido nos pontos O8. A actividade do oleiro e 09. O contexto social, a documentação referente à organização e funcionamento das olarias em período romano é insuficiente para permitir estabelecer analogias com contextos explanatórios cientificamente delimitadores. Para além das lacunas naturais das fontes documentais, também os vestígios materiais chegam até nós já truncados ou fragmentados. Assumindo museograficamente as raízes etnográficas do projecto, a inserção deste recurso audiovisual contextualiza intuitivamente a vertente material da exposição, numa linha temporal que tem como ponto de partida o que é conhecido da conjuntura de produção romana de cerâmicas, e como ponto de chegada as estruturas produtivas da olaria tradicional portuguesa já citadas.

A aproximação destas duas âncoras de informação propicia uma aproximação de contexto aos materiais: os visitantes já teriam visitado ou estado em contacto de alguma forma com uma olaria ou algum dos seus produtos. Este conhecimento, classificado de "*vivencial*" ou "*experimental*", poderá ser um ponto de partida para uma visita mais enriquecedora ou para uma assimilação mais facilitada de alguma da informação.

II.1.1 - Preparação de dois guiões para multimédia: a cadeia operatória do trabalho do barro

Tendo como ponto de partida os videogramas provenientes do arquivo da RTP, pretendeu-se elaborar um conjunto de sequências de imagens de apoio (Guiões) para a zona do ponto 03. da exposição.

O processo de trabalho teve como início a criação de uma linha/sequência de orientação, na qual constaram as fases principais do trabalho do barro: extracção do barro, tratamento do barro, trabalho na roda/torno, preparação para a cozedura, enfornar, o forno a lenha e o desenfornar. Para a elaboração daquela sequência, os documentos audiovisuais contidos no suporte físico foram devidamente visualizados, individualizados e segmentados através de um tratamento informático.

Este princípio da polivalência do audiovisual e da informação nele contida tem como propósito adaptar esta fonte de informação aos propósitos e necessidades da exposição, compondo a partir dele as sequências de acordo com princípios, objectivos e públicos a ele destinado.

O primeiro contacto com as fontes audiovisuais supracitadas privilegiou a identificação das fases operatórias do trabalho do barro. Traduziu-se numa visualização do todo existente, com o propósito de tomar conhecimento das informações contidas no suporte e daí retirar algumas notas iniciais.

Converteram-se os documentários em ficheiros autónomos do suporte base (DVD) para ficheiros individualizados (em formato AVI). Esta conversão, executada com o software informático apropriado, permitiu uma outra ergonomía e tratamento particularizado das informações disponíveis.

A elaboração de uma tabela comparativa²³ surgiu como uma necessidade imediata. Método de trabalho indispensável nesta fase, permitiu ter uma visão dos conteúdos presentes nos quatro videogramas originais e, a partir dela, estabelecer uma linha de tempo composta pelas fases presentes nas fontes originais.

Este instrumento de trabalho torna-se ainda mais relevante se tivermos em conta que a sequência principal não irá reflectir todas as fases presentes na tabela e, directamente, nas fontes. Esta constatação frui da acepção directa da própria exposição: se a exposição nos remete para o período romano, a linha/ sequência principal reportar-se-á às fases de um processo tradicional de elaboração que não sofreu alterações significativas ao longo dos tempos e das gerações. Pretende-se aqui salientar a componente utilitária das peças de olaria e não tanto o seu elemento decorativo.

²³ Consultar Anexo II do Anexo Documental.

A tabela cruza dois tipos de informação: na horizontal encontramos identificados, através das suas siglas, os documentários/ reportagens, enquanto na vertical vamos encontrar as fases do trabalho do barro. Na enfiada do cruzamento destes dois vectores encontramos os segmentos a que correspondem, bem como uma referência à sua duração.

O resultado desta terceira visualização teve como propósito ressaltar alguns componentes áudio incluídos nos segmentos criados para o efeito. Os seis segmentos áudio, que apresentam a mesma sigla alfanumérica do segmento do qual foram extraídos através de software próprio para o efeito, foram preparados com vista à sua futura utilização no âmbito do trabalho que estava a ser desenvolvido.

Depois de elaborada a tabela comparativa, procedeu-se à selecção das etapas de processamento das peças de barro a serem contempladas nos guiões. As etapas seleccionadas são as que se seguem: extracção do barro; tratamento do barro na oficina; a roda de oleiro; enformar; cozedura; desenformar.

Destinado a um público abrangente, com interesses heterogéneos e diferenciados entre si, pretendeu-se com este guião passar um conjunto de informações de contexto relativas ao discurso expositivo patente e que o produto final fosse parte integrante de uma estratégia de comunicação, e como tal fosse acompanhado e complementado ao longo de todo o espaço expositivo por registos fotográficos e por caixas de texto.

Tendo presente o conjunto de informação, estipularam-se duas formas de a organizar num discurso audiovisual²⁴: estabeleceu-se uma disposição horizontal (sequenciado) e uma disposição vertical (Picture in Picture). A apresentação destes dois ordenamentos resulta da constatação, na tabela comparativa, de que existem vários segmentos, ilustrativos de diferentes realidades, e que reportam à mesma fase do trabalho do barro.

As legendas a acoplar aos audiovisuais cumprem, também elas, uma estrutura preestabelecida: Localização geográfica/Designação do Oleiro/Fase de trabalho. Ao estabelecer-se a correlação entre estes três elementos pretende-se proporcionar ao visitante uma brevíssima contextualização dos assuntos abordados.

²⁴ Consultar Anexo III do Anexo Documental.

Montagem com estrutura sequenciada

A disposição horizontal da informação resulta do simples encadeamento dos segmentos já tratados, segundo o processo de laboração da argila, desde a sua extracção, passando pelo tratamento de barro, o trabalho na roda/torno, a preparação da peça para a cozedura, o enfiar, o cozer e o desfiar.

Neste registo de nível individual, as fases que apresentam segmentos de várias realidades encontram-se dispostas na linha de tempo de forma sequenciada, devidamente contextualizada por legendas.

Montagem com estrutura *Picture in Picture*

Este modelo de montagem permitiria ao visitante observar a mesma fase da cadeia operatória em simultâneo, uma vez que no monitor iriam aparecer dois ecrãs com imagens diferentes. Esta disposição vertical da informação resulta da existência de suportes audiovisuais coincidentes na mesma categoria de fase de trabalho do barro. Encontra-se subjacente um propósito comparativo entre elas no mesmo espaço de visualização. Devidamente identificados, permitem propor ao visitante uma comparação visual do desempenho de uma dada tarefa em diversos contextos. Esta estrutura comparativa não se reportaria a todas as fases pré-seleccionadas, mas somente àquelas que apresentavam na tabela de trabalho mais do que um item referenciado na respectiva coluna.

II.1.2 - A cadeia operatória do trabalho do barro

Três fases distintas marcam a cadeia operatória do trabalho do barro: a preparação do barro, o trabalho na roda de oleiro e a cozedura da peça. Depois de uma visualização primária dos audiovisuais disponíveis, foram identificadas um conjunto de tarefas comuns entre eles. Neste conjunto comum de tarefas, elas acabam por não subsistir "*ipsis verbis*", sendo comuns aos processos produtivos, algumas das tarefas adequam às tradições locais e às necessidades específicas de produção. O recurso museológico patente no ponto 03. da exposição procurou ilustrar essas diferenças enquanto marcas de identidade de um dado contexto

produtivo. Traduzem-se como formas diferentes de alcançar um mesmo objectivo, e como tal não comprometem o resultado final. Nas fases em que existiam estas divergências de procedimentos, procurou-se apresentar as imagens que as ilustravam. Sempre que tal se propiciou, para uma mesma tarefa, é apresentada ao visitante a forma como individualmente se faz em cada contexto produtivo. Nesta vertente do meu trabalho, foi-me muito útil o bom conhecimento que já detinha e que pude aprofundar ao longo do estágio sobre o trabalho do barro e as cadeias operatórias da produção cerâmica

Fase 1 - "Extracção do Barro"

Na primeira fase é apresentado o início de todo o processo produtivo. No videograma, o barro ou argila é desde logo identificado como a matéria-prima utilizada e o oleiro é identificado como o principal interlocutor: é necessário identificar no próprio terreno qual a zona mais apropriada para escavar, usando-se como ponto de referência o local de escavação anterior, demarcada no próprio terreno pela alteração na vegetação.

O barro é escavado com picareta de forma a destacar a matéria-prima da camada estratigráfica. Formam-se então autênticos blocos de barro, envoltos em raízes e outras impurezas. A terra retirada desta primeira camada é deixada à superfície, sendo que esta vai acumulando à medida que o trabalho evolui. Estes são então trazidos para a superfície a braços pelos oleiros, sendo por vezes necessário mais do que um, consoante as dimensões do bloco. Este fica então à superfície a secar ao sol, à espera de ser transportado para a olaria passadas duas ou três semanas. O transporte do barro para as oficinas de oleiro pode variar consoante a distância do local de extracção da olaria e consoante a prática de cada região. Como se encontra documentado Na região de Lisboa, na década de 60 do século XX , o transporte do barro era feito através de cestos de verga, enquanto, na região do Alentejo, como atestou a investigação etnográfica, o transporte do barro era feito através de carroças puxadas por burros.

Fase 2 "Preparação do Barro"

Quanto o barro chega em blocos à olaria passa por uma cadeia de procedimentos que visa o seu preparo para o trabalho na roda de oleiro.

A primeira das tarefas do oleiro é devolver as capacidades plásticas típicas do barro, de forma a o tornar moldável.

Como é visível nas imagens da olaria em Lisboa, o barro é imerso em água em tanques ou em estruturas improvisadas²⁵. O oleiro vai mexendo com as mãos até se aperceber, através do toque, que já apresenta uma plasticidade que lhe permita trabalhar o barro. Aqui, o barro perde a forma de bloco e desagrega-se, transformando-se numa pasta grossa. A água é então retirada do tanque através de um orifício situado numa das faces laterais da estrutura, procedendo-se ao “sangrar o barro”.

A depuração do barro consiste na remoção de todas as impurezas que contém, depois deste já se encontrar moldável. Trata-se de um conjunto de tarefas que, não fazendo um recurso tão intenso às disponibilidades físicas do oleiro como a extracção e o transporte, requer no entanto um trabalho mais específico. A remoção manual das impurezas começa com o barro ainda nos tanques. Com as mãos, o oleiro vai esmiuçando a pasta, retirando as raízes e outros vestígios orgânicos e vegetais que posteriormente poderiam pôr em causa a elaboração da peça no torno ou a estrutura física da futura peça.

Tarefa atribuída ao aprendiz, o pisar o barro constitui uma segunda depuração do barro. O aprendiz, descalço, coloca barro no chão e, no sentido oposto dos ponteiros do relógio, vai pisando até este apresentar uma espessura quase mínima, na medida dos milímetros. Esta operação pretende a depuração do barro das pequenas pedras e impuridades de menores dimensão, que possam ter passado por entre os dedos do oleiro.

A elaboração do “*pêlo*” de barro²⁶ é já tarefa do mestre oleiro. Esta operação consiste em formar um bloco de barro já limpo para começar a trabalhar. Este bloco, conhecido na gíria como “*pêlo*” (devido à sua semelhança com os pêlos

²⁵ Em Viana do Alentejo utiliza-se uma estrutura denominada de “charco”, estrutura que aproveita duas paredes e madeiras de forma a formar um quadrado, que depois é cheio com barro e água.

dos animais), apresenta uma forma²⁷ e uma dimensão que permite ao oleiro trabalhar na roda.

Fase 3 " Na roda de oleiro"

O trabalho na roda é um ponto de reconhecido valor na hierarquia de funções no contexto de uma olaria. Denuncia a mestria do oleiro, o seu labor desde os seus tempos de petiz. É um sinal da tradição manual de um ofício que é passado de mão para mão, de pai para filho.

O início do trabalho na roda marca a passagem de aprendiz para mestre. Enquanto jovem aprendiz, o oleiro aprende a detectar os melhores sítios para escavar o barro, aprende a limpá-lo e a prepará-lo. A utilização do termo “mestre” designa a mestria do oleiro em trabalhar o barro. As peças tornam-se aqui a credenciação das capacidades do oleiro na sua profissão. Torna-se parte fulcral da engrenagem da economia doméstica ao instituir-se como elemento produtivo. O seu trabalho na roda constitui a subida na hierarquia da economia doméstica, ganhando uma maior preponderância como centro de decisão relativamente a tudo o que envolva a oficina e a sua actividade. São disso exemplo a contratação, à jorna, de mão-de-obra adicional para a extracção barro, quando tal se justificasse, e a negociação com as entidades que controlavam o comércio para a colocação das suas peças nos mercados. Apesar desta relação Aprendiz/Mestre não se encontrar directamente explícita, é fácil para o visitante da exposição inferir, através das imagens apresentadas, que o jovem aprendiz se dedica quase exclusivamente às tarefas de preparação do barro e que as tarefas de modelagem encontram-se consignadas ao oleiro.

Depois de elaborada na roda, a peça não pode ser colocada imediatamente no forno para cozer. Há que ganhar previamente alguma consistência e solidez. É colocada na bancada do oleiro durante umas horas, e já com alguma estabilidade sobre a forma é disposta ao ar livre para ganhar ainda um outro nível de consistência, desta vez à temperatura ambiente. Em algumas olarias, como no Casal

²⁷ O “pêlo” pode apresentar uma forma cilíndrica ou esférica, consoante a(s) peça(s) que o oleiro pretenda elaborar.

do Redinho (Montemor-o-Velho), as peças são ainda raspadas de forma a limar pequenas imperfeições.

Fase 4 "Enfornar"

A colocação das peças na câmara de cozedura visa a regra do máximo aproveitamento do espaço disponível. O visitante visualiza o processo de disposição das peças na câmara de cozedura: as primeiras peças são as de maiores dimensões, sendo que as pequenas são colocadas no seu interior, ou são encavalitadas no espaço que fica entre peças. O forno é posteriormente fechado com peças já cozidas, tidas como inaptas para serem comercializadas, uma vez que apresentam um defeito na sua composição²⁸. São apresentadas três formas distintas de enforamento: em Lisboa, as peças a cozer são colocadas nuns recipientes; em Viana do Alentejo e Mafra, as peças são colocadas individualmente na estrutura de cozedura, separadas por um pedaço de loiça refractária, e só depois a porta do forno (no caso de Viana a cobertura também) é fechada com pedaços também eles de loiça refractária.

Fase 5 "Cozedura em forno a lenha"

O forno, construído em tijoleira de barro com vestígios de palha, apresenta duas câmaras distintas. Num nível superior encontramos a câmara de cozedura, local onde se dispõem as peças para serem cozidas. A nível inferior vamos encontrar a câmara de combustão.

Apesar desta base arquitectónica ser seguida nos contextos produtivos analisados, as imagens demonstram que a construção do forno constituiu uma verdadeira adaptação às necessidades e às condições de produção inerentes a cada um deles: como as imagens exemplificam, a "forneca" da "Olaria do Convento" em Viana do Alentejo é uma estrutura independente sem cobertura, enquanto em Mafra se trata de uma adaptação de uma divisão já construída, onde a câmara de

²⁸ Este defeito pode ser de manufactura da peça ou da própria cozedura a que a peça foi submetida.

combustão foi claramente improvisada por baixo. O forno, independentemente da sua tipologia, é alimentado a lenha. Durante o processo de cozedura, a câmara de combustão é continuamente alimentada para que o interior da câmara de cozedura mantenha um nível de temperatura constante. A temperatura só deve de baixar quando as peças estiverem cozidas.

Fase 6 "Desenfornar"

O desenfornar só acontece quando a temperatura no interior do forno apresenta uma temperatura próxima da ambiente. Um choque térmico danificaria as peças, inutilizando desta forma a maior parte das peças.

II.2. – O Programa de Iniciativas associado à exposição temporária "Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo"

Tal como já foi referido, colaborei activamente na concepção, programação e dinamização do Programa de Iniciativas de Serviço Educativo associado à exposição "*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo*"²⁹.

Neste âmbito, destaco os dois ciclos de visitas temáticas: *À roda do Oleiro e Itinerários Romanos*, destinadas a público adulto e organizadas em parceria com diversas instituições (Oleiros, Câmaras Municipais de Viana do Alentejo e de Lisboa, Museu de Mérida).

No primeiro caso, o principal objectivo foi dar a conhecer as olarias tradicionais e os oleiros ainda em actividade, em Portugal, tendo-se realizado duas visitas, uma à região de Mafra e outra a Viana do Alentejo, sendo este último o exemplo mais completo da minha colaboração em contexto de estágio, uma vez que a sua programação, a elaboração da respectiva documentação de apoio (incluindo design gráfico) e a sua dinamização estiveram a meu cargo³⁰.

No segundo caso, realizaram-se três itinerários por Mérida, Península de Setúbal e Lisboa, com o objectivo de dar a conhecer alguns dos principais

²⁹ Consultar Anexo IV do Anexo Documental

³⁰ Consultar Anexo VII do Anexo Documental

testemunhos patrimoniais da época romana em Portugal e Espanha. O design gráfico da documentação de apoio distribuída pelos participantes foi da minha responsabilidade e também participei nas três visitas, tendo prestado apoio a nível logístico.

Finalmente, gostaria de referir a minha colaboração no ateliê *Com as mãos no barro*, realizado no Núcleo do Moinho de Maré de Corroios, com público escolar e famílias, e no Ateliê de Arqueologia Experimental, promovido no âmbito do Seminário Internacional “*A olaria em época romana*”, tendo ficado responsável pelos respectivos registos de imagem e edição de vídeos e prestado apoio ao nível da sua operacionalização.

II.2.1 - Fichas de apoio: estrutura, mecanismos e conteúdos para uma visita

Previstas no Plano de Iniciativas³¹ complementar à exposição temporária do Serviço Educativo, as visitas temáticas “*A olaria romana da Quinta do rouxinol*” tiveram como ponto de partida um conjunto de quatro fichas pré-estabelecidas em termos de número, conteúdo e organização, com o intuito de promover uma exploração directa dos conteúdos explanados em todo o discurso museológico, sobre as suas várias formas.

II.2.1.1 - Metodologia de trabalho e a sua aplicação

Ao avaliar-se os projectos desenvolvidos pelo Serviço Educativo noutros âmbitos, estabeleceu-se a matriz que estaria na base da planificação e organização relativa às visitas temáticas: a divisão de um grupo em subgrupos, com o intuito de melhor aproveitar o espaço onde a actividade se desenrola através da exploração directa de objectos e outros recursos disponíveis na resolução das actividades propostas.

Estabeleceram-se as primeiras bases para as fichas de exploração temática: consideradas partes integrantes de um todo orgânico e funcional, reportado ao

³¹ Consultar Anexo IV do Anexo Documental

contexto da exposição, apresentam um funcionamento individualizado, não estando associadas a uma lógica sequencial obrigatória. A exploração do discurso museográfico e a informação sobre ele patente surgem como um dos pressupostos base da exploração das actividades presentes no modelo de “Quiz” seguido, bem como o acompanhamento de um técnico ao longo de toda a actividade, que desempenhará também ele um papel fundamental, procurando executar um papel orientador, mas sempre interagindo com os quatro grupos.

A visita temática “*A olaria romana da Quinta do Rouxinol*”, prevista no Programa de Iniciativas do EMS, têm a duração de 90 minutos e decorre no espaço da sala de exposições temporárias do Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontra a exposição sobre a olaria romana. Prevista para grupos organizados, tem como princípio funcional a subdivisão de cada grupo em quatro subgrupos.

Cada um dos grupos tem acesso a uma prancha e quatro fichas. Cada uma das pranchas tem as fichas em ordem diferente, uma vez que se pretende que se espalhem pela exposição, com vista a realizar as actividades propostas em cada uma delas, tendo sempre como ponto de apoio o técnico do museu que acompanha a visita.

II.2.2 - Fichas de apoio para a visita temática “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol”

Adaptando-se aos pontos da exposição seleccionados, as quatro fichas temáticas vão explorar os conteúdos e os seus suportes através de exercícios de resposta directa: resposta múltipla, ligações entre campos, análise de imagens e perguntas de resposta directa. Apesar desta perspectiva aparentemente mais simplista, a componente reflectiva sobre os variados conteúdos encontra-se prevista. A interacção dos grupos com o técnico que acompanha a visita permite personalizá-la, dando uma resposta fundamentada a todas as questões, adaptando-a a uma linguagem acessível. A correcção das fichas, realizada no final da visita, permite inferir sobre as questões que levantaram uma maior dificuldade, e apresentar uma explicação de contexto.

Ficha "A olaria"³²

Centrada no ponto 03. "A olaria", a ficha temática pretende introduzir a temática do trabalho do barro no âmbito da exposição.

Inclui folha de rosto e três páginas de actividades. Privilegia as seguintes temáticas:

- A extracção de barro
- A preparação de barro na oficina
- A roda de oleiro
- O enfornar
- O forno a lenha

Através de um processo de interpretação, procurou-se estabelecer elos de ligação entre as práticas oleiras no período romano e a olaria tradicional portuguesa, contexto mais próximo da nossa vivência.

A presença de dois audiovisuais, juntamente com outros recursos visuais (texto, desenhos e fotografia) apresentou-se como um conjunto de recursos de exploração visual. A matéria-prima (barro), as fases da cadeia operatória do trabalho do barro (a extracção de barro nos barreiros, a preparação faseada do barro na oficina, o trabalho na roda de oleiro, o enfornar, o forno alimentado a lenha e o desenfornar final) são conteúdos privilegiados, contratualizadores de toda a experiência museográfica.

Ficha "Um forno na Quinta do Rouxinol"³³

Esta segunda ficha vai aglutinar os pontos 04. "Os fornos de cerâmica" e 05. "Um forno na Quinta do Rouxinol".

Inclui folha de rosto e três páginas de actividades. Privilegia as seguintes temáticas:

³² Consultar Anexo V do Anexo Documental

³³ Consultar Anexo V do Anexo Documental

- As componentes do forno:
 - A câmara de combustão
 - A câmara de cozedura

- O forno alimentado por lenha
- A cobertura do forno

O fulcro da exploração desta ficha centra-se na proposta de restituição de um dos fornos da quinta do Rouxinol. A divisão do forno em duas câmaras (cozedura e combustão) e o seu propósito funcional, as tarefas a desempenhar pelo oleiro (colocação de peças na câmara de cozedura, fechar a câmara de cozedura com peças de loiça já cozidas, o acender da fornalha e o posterior desenformar) são os conteúdos a explorar nesta ficha temática.

Ficha "*A INVESTIGAÇÃO NA QUINTA DO ROUXINOL*"³⁴

A ficha temática que apresenta o sítio arqueológico baseia-se num conjunto de cinco molduras digitais com imagens, um projector e um mapa, o ponto 06. "*A investigação na Quinta do Rouxinol*" é, tal como a olaria, uma das âncoras de ligação de toda a exposição.

Inclui folha de rosto e três páginas de actividades. Privilegia as seguintes temáticas:

- As escavações na Quinta do Rouxinol
- As estruturas da olaria da Quinta do Rouxinol
 - Os três fornos
 - A estrutura de combustão
 - A fossa de despejos de materiais cerâmicos

³⁴ Consultar Anexo V do Anexo Documental.

Reporta-nos para o contexto arqueológico. Os vestígios arqueológicos são apresentados nas referidas molduras digitais individualizadas: as ruínas dos três fornos, a pequena estrutura de combustão e a fossa de despejo.

Os exercícios aqui explanados são claramente orientados para uma pesquisa sobre os conteúdos em suportes apresentados.

Ficha " *As produções da olaria da Quinta do Rouxinol* " ³⁵

A ficha de exploração temática relacionada com as produções da Quinta do Rouxinol centra-se no ponto da exposição com o mesmo título, estando identificado com o número 07.

Inclui folha de rosto e três páginas de actividades. Privilegia as seguintes temáticas:

- Identificação das principais produções da olaria da Quinta do Rouxinol e a sua utilização
 - Ânforas
 - Loiça doméstica
 - Lucernas

Procurou-se nesta ficha uma abordagem mais sensorial, traduzida na exploração directa de alguns dos materiais (mecha, réplica de lucerna, água em substituição de um óleo vegetal, funil) e a identificação das ânforas, através dos quatro modelos representados, mas também através da informação dos painéis, reforçando o papel desta produção manual e officinal, que de destinaria às indústrias conserveiras de Olisipo. A loiça doméstica é explorada neste mesmo contexto, procurando comparar e confrontar formas de peças do quotidiano e procurando identificar uma possível evolução de forma, do séc. II d.C. até aos nossos dias.

II.2.3 - O Dossiê Documental

³⁵ Consultar Anexo V do Anexo Documental.

O dossiê de apoio pretende constituir um documento de referência para os mediadores e técnicos de atendimento público na exposição. Trata-se de um tipo de recurso adoptado noutros projectos e exposições do EMS. Reúne a documentação anexa a todo o processo de programação da exposição, mas também todo um conjunto de informações complementares aos conteúdos da exposição, com intuito de apresentar um discurso fundamentado em fontes documentais. A organização do dossiê assenta numa estrutura disseminada de temáticas relacionadas.

A elaboração deste recurso documental poder-se-á dividir em três fases: uma primeira fase preparatória, de delimitação de um índice base que pudesse sustentar a pesquisa e organização bibliográfica e um ajuste final a nível de conteúdos. No âmbito do estágio, realizou-se a pesquisa em sala, coordenada por Jorge Raposo, segundo descritores de pesquisa pré-seleccionados. Optou-se por uma compilação das fontes documentais, em detrimento da elaboração de resumos e fichas de leitura. Com base na minha experiência na olaria tradicional, foi-me solicitado a redacção de dois textos (“*O barro: sob a concepção de “artesanato”*” e “*O trabalho do barro em Portugal: alguns centros oleiros*”)³⁶ e de um glossário de termos de olaria³⁷, que redigi a partir da minha experiência sobre olaria e com base em fontes documentais pré-seleccionadas.

Na elaboração do índice inicial³⁸ privilegiaram-se algumas áreas temáticas.

Uma primeira área contempla recursos relacionados com a museografia da exposição: o guião geral, os textos finais e tabelas, as plantas e os alçados da arquitectura, os guiões preparados para os audiovisuais, bem como as edições e materiais de divulgação preparadas para a exposição (cartaz, convite, anuncio, folheto, brochura, tela exterior). Disposto no presente contexto, este conjunto de documentação e publicações serve de referência para futuras consultas.

A segunda área temática centrou-se na pesquisa e organização de um corpo documental. Seguindo um vector histórico-cultural, este trabalho contextual pretende reunir todo um conjunto de informações sobre o sítio arqueológico, mas também sobre o seu percurso histórico e patrimonial. O segmento dedicado a Corroios acabou por assentar nas fichas da Carta do Património do concelho.

³⁶ Consultar Anexo VI do Anexo Documental.

³⁷ Consultar Anexo VI do Anexo Documental.

³⁸ Consultar Anexo VI do Anexo Documental.

Mais frutuosa foi a pesquisa sobre o sítio arqueológico, com um total de 21 entradas sobre a olaria romana que ali se encontrava centrada e sobre as suas produções. Mais que a descrição e a contextualização do sítio e das suas produções procurou-se complementar essa informação com documentação que os inserisse em contextos históricos mais amplos.

Foram incorporados para o efeito textos como *Centros Oleiros da Lusitania: Balanço dos Conhecimentos e Perspectivas de Investigação* da autoria de Carlos Fabião ou *Comércio Marítimo e Sociedade nos Portos Romanos do Tejo e do Sado* da autoria de Vasco Mantas Gil de forma a inserir a olaria romana da Quinta do Rouxinol na época, salientado o papel preponderante que o centro desempenhou na microeconomia que se acabou por instituir, com o Tejo a servir de elo de ligação (via de comunicação e fonte de matéria prima), entre as produções conserveiras da margem direita e a produção oleira da margem esquerda do rio.

Foi recolhido um conjunto de espécies documentais que atestam outros vestígios da presença romana no Concelho do Seixal, relacionado com as escavações arqueológicas na Quinta de São João e o espólio recuperado, onde foram encontradas sepulturas datáveis do período romano.

Seguindo o mote da exposição, também a olaria tradicional se encontra devidamente contextualizada no dossiê. Para esta temática optou-se pela redacção de um texto sobre um conjunto de centros oleiros (Mafra, Redondo, São Pedro do Corval, Viana do Alentejo, Nisa, Estremoz e Évora), procurando pontos em comum entre eles (evolução histórica, técnicas e cultura material) de forma a fundamentar a premissa da continuidade dos métodos e técnicas do trabalho do barro até aos nossos dias. Para complementar estes textos, foi redigido um outro, centrado nas técnicas e métodos da olaria dos nossos tempos, com o intuito de ser um documento base para análise.

II.2.4 - Outras actividades realizadas

II.2.4.1 - Participação em reuniões preparatórias da exposição

Ao acompanhar o processo que iria culminar na exposição da Quinta do Rouxinol, foi possível participar em várias reuniões de preparação, nas suas mais diversas circunstâncias:

- Reuniões da equipa do EMS (Serviço de Arqueologia, Serviço Educativo, Responsável Técnica),
- Reuniões da Equipa do EMS com a Oficina de Museus.

As reuniões em que participei com os coordenadores do projecto e no seio da equipa do EMS visaram discutir pontos de relevância sobre a preparação da exposição. Foram abordadas questões relacionadas com a montagem da exposição, foram feitos balanços das actividades a realizar no âmbito da preparação da mesma, e discutidos aspectos complementares, como o Plano de Iniciativas da a exposição.

As reuniões com a Oficina de Museus serviram para a discussão dos materiais a produzir. Foram apresentadas e discutidas questões relacionadas com a museografia inerente à exposição, centrando-se na sua produção. Foram discutidas questões relacionadas com os audiovisuais, com a brochura, com os convites para a exposição, onde o compromisso entre o exequível e o idealizado acabou por ser objecto de compromisso entre as duas partes.

II.2.4.2 - Deslocações às Olarias de Mafra

Em diversas ocasiões, a equipa do SA deslocou-se a Mafra com o intuito de acompanhar e registar os trabalhos de Paulo Franco na oficina de Álvaro Silvestre Gomes, situada em Mafra, centro oleiro de renome e distinção.

No âmbito da exposição, o oleiro Paulo Franco ficou incumbido de elaborar réplicas das ânforas produzidas na Quinta do Rouxinol, bem como um conjunto de peças de loiça doméstica a constar da exposição. A equipa deslocou-se então a Mafra para acompanhar e registar os trabalhos. Foram feitos registos em suporte digital e em suporte analógico, que posteriormente serão passados para suporte digital.

Foram tiradas fotografias e realizados vídeos da elaboração das já referidas peças. Procurou-se inferir das técnicas utilizadas por Paulo Franco na sua realização, e também deslindar os processos de trabalho de barro na olaria.

O barro utilizado já não é do antigo local de extracção de barro, mas sim comprado pronto a trabalhar, tornam-se mais ergonómico perante as necessidades conjunturais de uma olaria na actualidade. O trabalho na roda ainda se mantém, apesar da força matriz da estrutura já ser eléctrica. O forno é a gás, mas as técnicas do enfiar ainda apresentam fortes reminiscências com o tradicional, com o aproveitamento máximo da capacidade do forno a ser a sua característica dominante.

Foi também em Mafra que a equipa travou conhecimento com o Sr. Amândio Dias, um dos trabalhadores que posteriormente viria a estar ligado à construção do forno.

II.2.4.3 - Participação na recolha de informação 3D de um dos fornos da Quinta do Rouxinol

Uma equipa da empresa ArteScan digitalizou um dos fornos romanos da Quinta do Rouxinol, com tecnologia laser e fotogrametria. A realização deste trabalho permitiu um registo minucioso das estruturas existentes.

Os resultados deste trabalho, acompanhado e devidamente documentado pela equipa do Serviço de Arqueologia, foram complementados com a investigação feita pelo EMS nesta área. Esta aliança de saberes³⁹ de naturezas tão distintas foi um pressuposto indispensável para o resultado que se encontra patente na exposição: a restituição do forno à escala natural, acrescentando ao que se preserva no sítio arqueológico uma solução para completar a câmara de combustão, e apresentar a grelha e a câmara de cozedura.

Foi ainda elaborada uma pequena animação em 3D do funcionamento do forno, que foi incluída no discurso expositivo. A animação já contemplava o esquema de fecho de forno utilizado pelos oleiros de Viana do Alentejo,

³⁹ cf. RAPOSO, Jorge, Oliveira, Adriano, *Tecnologias de Informação e Comunicação, Património Cultural e Museologia: a propósito de um dos fornos romanos da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal)* in *Museologia.pt*, nº3, 2009, pp. 165/171

devidamente investigado e documentado, e que viria a ser utilizado no ateliê de arqueologia experimental⁴⁰ do Seminário internacional “*A Ollaria Romana*”⁴¹ em 2010.

As semelhanças entre a forneca alentejana e o forno romano dão para estabelecer alguns paralelos de comparação. Ambas as câmaras de cozedura ficam num nível inferior, sendo que no forno romano existe um pequeno corredor que dá acesso à zona da fornalha propriamente dita. A existência deste pequeno corredor terá provavelmente uma ligação com o controle da temperatura no início da fase de pré-aquecimento do forno, em que a temperatura deverá ascender muito lentamente, uma vez que as peças no interior da câmara de combustão ainda contêm na sua estrutura um índice de humidade. Tendo presente que as fornecas alentejanas são de dimensões ligeiramente reduzidas, em comparação com o forno romano, a existência desta componente estrutural para controlo da temperatura não terá sido uma necessidade no imediato.

A demarcar os limites físicos de ambas as câmaras vamos encontrar uma grelha perfurada que serve de passagem ao calor. É possível verificar nas imagens de Viana do Alentejo que os oleiros locais assentavam directamente sobre esta grelha uma camada de peças refractárias de dimensões variadas, bem como duas fileiras de tijolo que serviriam de base de apoio aos alguidares. Não foi possível inferir se os oleiros da Quinta do Rouxinol utilizavam ou não esta técnica de cozedura.

O que aparenta ser congruente entre estes dois contextos produtivos é a técnica de fecho da câmara de cozedura. Existem duas zonas que têm de ser devidamente calafetadas, de forma a concentrar o calor no interior da própria câmara: a porta do forno e o topo. A porta do forno é fechada utilizando peças de loiça já cozida, que por apresentarem defeito não foram colocadas à venda. Esta é disposta no vão da câmara. Nos veios que se formam entre as peças é colocada manualmente barbotina, para que esta construção sirva o seu propósito de calafetagem. Esta estrutura detém um carácter temporário, relacionado directamente

⁴⁰ Está disponível um vídeo sobre o ateliê no Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=vFSvOgRvsuY>

⁴¹ Consultar Anexo VI do Anexo Documental.

com a duração da cozedura⁴². A cobertura do topo era tradicionalmente feita pela colocação de segmentos de loiça refractária: primeiramente eram colocados os segmentos de maior dimensão, criando um aramado sob o qual que iriam assentar segmentos de menor dimensão. A colocação dos segmentos refractários é paralela à fase de pré-aquecimento do forno em todo o processo: à medida que o oleiro/forneiro ia colocando lenha a arder e a temperatura começava a subir, a colocação dos segmentos refractários prosseguia, tapando os buracos por onde se via o interior da câmara, a chama a arder ou por onde saia o fumo. Sobre estes buracos colocava-se mais um segmento, com o intuito de prevenir a saída do calor. A colocação terminava quando o oleiro/forneiro já não conseguia colocar a mão sobre a estrutura de segmentos improvisada devido à sua já elevada temperatura. Era sinal de que a fase de pré-aquecimento estava terminada, e que a temperatura já poderia subir até à temperatura de cozedura.

Se este processo está confirmado para a conjuntura das olarias de Viana do Alentejo, esta aferição só é transposta para o contexto da olaria romana através das semelhanças entre as arquitecturas de ambos os fornos. É curioso verificar que as fornecas alentejanas seguem o mesmo princípio construtivo: as várias camadas de tijoleira assentam de forma entrelaçada, reforçando desta forma a integridade e robustez do forno.

⁴² Esta técnica também é utilizada no Sobreiro (Mafra).

Capítulo III – Balanço sobre o trabalho realizado

III.1 - A integração na equipa de projecto e o adquirir de novas valências e competências

Desde o início do estágio até ao presente que o trabalho por mim desenvolvido no âmbito das acções do EMS tem-se caracterizado como uma mais-valia no campo profissional e pessoal.

Com uma experiência profissional no âmbito de visitas guiadas na região alentejana, e com um percurso académico centrado nas questões patrimoniais, foi no âmbito do V Curso de Mestrado em Museologia da Universidade de Évora que incorporei a equipa de projecto da exposição. Como mais-valia para a equipa, a minha investigação junto dos oleiros de Viana do Alentejo, no âmbito das técnicas e processos de fabrico acabou por me conduzir para a preparação de conteúdos para os audiovisuais. Esta integração junto do Serviço de Arqueologia permitiu-me observar, questionar e recolher conhecimento sobre o trabalho desenvolvido pelo serviço. Foi-me possível observar o desenho arqueológico, a preparação e o acondicionamento das peças para transporte, bem como participar na montagem da própria exposição e acompanhar os trabalhos da equipa da ArtScan nos fornos da Quinta do Rouxinol. Ainda hoje articulo com o serviço a manutenção da exposição.

Junto do Serviço Educativo, ainda em contexto de estágio, pude inferir dos processos de preparação das visitas, a montante e a jusante destas. Pude inteirar-me da lógica da selecção e preparação dos conteúdos, e como colaborador, tem-me sido possibilitado não somente participar na programação de novas actividades, mas também acompanhar grupos nas visitas previstas no Programa de Iniciativas, tendo inicialmente começado por acompanhar as visitas temáticas relacionadas com a exposição da olaria romana da Quinta do Rouxinol.

Ainda no âmbito do SE, tenho desenvolvido as minhas competências a nível de design gráfico e edição de video, elaborando em estreita articulação com outros serviços do EMS, documentação de apoio para visitas e materiais de apoio pedagógico para diversas actividades.

A minha integração junto dos serviços do ecomuseu partiu dos princípios de programação da exposição, tendo sempre presente a minha investigação sobre a olaria tradicional de Viana do Alentejo. Num primeiro momento, com o estatuto de observador, fui acompanhando o quotidiano de cada um dos serviços, com o intuito de facilitar a minha integração em contexto de trabalho. Já em fase de produção, e em articulação com os técnicos de cada serviço, o trabalho por mim desenvolvido teve como base o plano de estágio. O acompanhamento de acções como as deslocações às olarias de Mafra e o acompanhamento dos trabalhos da ArtScan no sítio arqueológico, não estando previstas, foram uma mais-valia: permitiram-me comparar conhecimentos sobre os procedimentos técnicos das olarias de Viana do Alentejo com as de Mafra e daí retirar ilações que poderiam ou não validar o trabalho realizado no âmbito da cadeia operatória do trabalho do barro.

Como balanço final da realização do estágio posso referir que se tratou de uma experiência enriquecedora, que felizmente ainda hoje continua: enquanto estagiário foi-me facultada uma liberdade operacional dentro do plano de trabalho estabelecido, a minha constante intervenção foi solicitada em quase todos os pontos da programação ainda em aberto e as ideias por mim apresentadas (a título de exemplo, referir a visita temática "*À roda do Oleiro - Viana do Alentejo*"). O ambiente descontraído e sempre profissional contribuíram largamente para a minha inserção nos serviços e nos trabalhos a desenvolver. Competências adquiridas em contexto académico e profissionais foram amplamente exponenciadas, bem como outros interesses, como o design gráfico e da edição de vídeo.

Na minha colaboração com o Serviço de Arqueologia, posso afirmar que a olaria foi o ponto de entrada. Nunca tendo desenvolvido trabalho nessa área, fui assimilando todo um aparelho conceptual, que me viria a ser útil no acompanhamento das visitas do Programa de Iniciativas. A olaria e os seus processos técnicos ainda hoje são temas de conversa entre mim e Jorge Raposo, bem como a restante equipa do SA.

Como observador, ao acompanhar as visitas do Programa de Iniciativas, procurei inferir da metodologia aplicada pelas técnicas do SE., de forma a aplicar o meu cunho pessoal ao acompanhar das visitas. Destaca-se um forte espírito de equipa, assente em troca de ideias e de experiências, que, do ponto de vista da

operacionalização e acompanhamento das visitas programadas em oferta, é, sem dúvida o ponto forte deste serviço.

A interligação entre os serviços do ecomuseu permitiu-me integrar na minha lógica profissional metodologias de trabalho e aparelhos conceptuais, ligadas a áreas de trabalho até então não abordadas. O adquirir destas valências esteve na base de uma nova fase de desempenho profissional, de desempenho de funções de técnico superior em contexto de museu, o que pressupõe um nível de autonomia e de capacidade de planificação e até de gestão de trabalho de outros colaboradores.

O projecto da exposição da olaria romana da Quinta do Rouxinol assentou em parcerias e na aquisição de serviços externos em várias áreas: parceria com o Museu Nacional de Arqueologia no âmbito do ProMuseus 2007 e da Rede Portuguesa de Museus, parceria com os oleiros e operários de Mafra e com a ArtScan no contexto de produção de materiais para a museografia da exposição, o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, com o Centro de Arqueologia de Almada, a Fundação para a Ciência e Tecnologia e o Instituto Politécnico de Tomar no âmbito do Seminário Internacional, com a aquisição de serviços da ceramista Ana Maló no ateliê "*Com as mãos no barro*" e com outras instituições no âmbito do Programa de Inicitivas do SE. Estes parceiros e interlocutores institucionais complementaram o projecto na sua concepção, concretização e realização, colocando aos serviço do EMS e dos seus técnicos um conjunto de recursos indispensáveis ao sucesso das iniciativas.

O sucesso da exposição pode ser avaliado por vários vectores e/ou perspectivas de análise. Na minha opinião, o verdadeiro motor do sucesso da exposição é a equipa que esteve envolvida na sua projecção, programação, execução e manutenção. A sua dedicação, amizade, conhecimentos e espírito de entreajuda ainda hoje contribuem para o seu sucesso e o do ecomuseu.

III.2 - O papel dos audiovisuais numa visita

Como referido anteriormente, os conteúdos finais presentes nos dois audiovisuais assentaram numa pesquisa bibliográfica alargada a fontes históricas, arquivísticas e etnográficas mais recentes, adicionando-lhe uma forte componente

etnográfica. Esta investigação multidisciplinar permitiu estabelecer paralelos comunicativos entre as práticas e métodos oleiros do período romano e os contextos e variantes produtivas da olaria tradicional portuguesa. Permitiu estabelecer semelhanças, mas relevou algumas diferenças na execução da cadeia operatória do trabalho do barro. Estas salientam-se nos diversos processos (fecho do forno, disposição das peças no interior da câmara de cozedura) e nas estruturas (arquitectura-base e cobertura) patenteados nas imagens do arquivo da RTP, sendo apresentadas como tal na linha temporal do audiovisual para público.

O audiovisual para um público-alvo mais amplo e diversificado é um dos pontos essenciais na cadência e evolução do discurso museográfico em contexto de visita. Ponto de referência para outros segmentos da exposição, as técnicas e métodos de produção que os audiovisuais ilustram enquanto cadeia operatória. O acervo apresentado é o produto final de um processo que, transmitindo de geração em geração, terá chegado aos nossos dias em processo evolutivo, a nível de formas e métodos de produção.

Existem duas abordagens específicas que se podem fazer a este recurso a partir da perspectiva do visitante: uma análise individual mostra a cadeia operatória com as suas fases até à peça final; uma análise em conjunto com um técnico, no âmbito de uma visita acompanhada, permite desde logo a troca de ideias e a sempre saudável tertúlia.

Por sua vez, o audiovisual para públicos infantis/juvenis, ao introduzir uma interlocutora (a Rita), e com a mesma componente conceptual que o anterior, apresenta os mesmos conteúdos, num formato mais simples e acessível. Expressões como “*em filmes antigos da televisão encontrei imagens do tempo dos nossos pais e avós*” e “*sabem que o barro, a que também podemos chamar argila, vem da terra?*” são exemplo de um discurso claramente a pensar num público com uma faixa etária mais jovem, em plena idade escolar. Não podemos esquecer que para muitos dos jovens trata-se da sua primeira visita a um museu, e como tal há que criar uma primeira ligação afectiva com a instituição, e mais importante, com a concepção de museu. A preparação das fichas de sala segue este instinto conciliador de realidades e contextos: museu e escola.

Os diferentes públicos acabam por intragir de forma diferente com os audiovisuais, factor ao qual não é alheio a forma como a exposição é visitada: com

públicos escolares, a exploração do audiovisual é indicada directamente pela ficha de apoio, pelo que a deconstrução e assimilação dos conteúdos expressos é coordenada pelas indicações dadas. Já com públicos adultos, em contexto de visita acompanhada, as imagens são analisadas em conversação, sendo esta análise conjunta dirigida aos interesses e dúvidas manifestadas pelos visitantes. Num contexto de visita não acompanhada, pela informação disponibilizada, os audiovisuais cumprem o seu papel de divulgação da informação.

III.3 - As fichas de apoio da visita temática " A olaria romana da Quinta do Rouxinol" e o seu papel durante a actividade

A visita temática "A olaria romana da Quinta do Rouxinol", prevista no Programa de Iniciativas do EMS, tem a duração de 90 minutos e decorre no espaço da sala de exposições temporárias do Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontra a exposição sobre a olaria romana. As fichas de apoio à visita temática funcionam como guiões de exploração para a exposição. Apesar de só estarem consignados em ficha os quatro pontos seleccionados previamente, é de registar que os restantes pontos são procurados pelos grupos que vão acabando primeiro, enquanto aguardam pela sua correcção. As moedas do ponto 10 são as que mais atenções chamam, juntamente com o "*boizinho*" de barro do ponto 08.

A correcção das fichas é um momento privilegiado para recolher algum *feedback* por parte dos visitantes, e tentar deslindar onde se manifestaram as maiores dificuldades no seu preenchimento e na apreensão de informação.

Temos que ter presente que a maioria dos visitantes nunca teve oportunidade de visitar uma olaria e a apreensão de certos mecanismos poderá ser dificultada por esse mesmo facto. No caso da ficha relativa ao ponto 03, o audiovisual para público infantil/juvenil foi pensado já a prever esta situação, uma vez que através dele a personagem ilustra com o seu discurso o encadear do trabalho do barro, cabendo ao visitante somente numerar as fases que se encontram referenciadas no documento.

Relativamente a conteúdos, a dificuldade mais comum prende-se com a diferenciação de dois dos fornos no sítio arqueológico e com a elaboração das ânforas.

Apesar de estarem diferenciados no discursos da exposição, cada um com um conjunto de fotografias a passar em moldura digital própria, as semelhanças entre os fornos por vezes causam confusão, uma vez que, à vista desarmada, a existência do pilarete central num dos fornos é a única característica que os distingue. "O que é um pilarete?", questionam os visitantes. Aqui a réplica do forno transforma-se num precioso auxiliar, uma vez que me permite demonstrar num modelo real o componente arquitectónico, levando a que sejam eles a transição para o registo fotográfico.

A questão das ânforas é a prova de que os audiovisuais cumprem o seu propósito. "*Como é que o oleiro faz uma peça tão grande na roda?*" ou "*Todos os oleiros têm que ter braços enormes? Para fazerem uma coisa tão gigante como essa, devem ter que ter. Ou será que o banco da roda dá para levantar?*" são apenas dois exemplos de questões que são levantadas, mas que validam o trabalho da equipa que os preparou, pois partem já de um conhecimento adquirido. Mas tão importante como o adquirir conhecimento, é o seu processo de assimilação da informação. A dúvida, neste contexto, comprova que a informação foi adquirida pelos meios disponíveis, que por sua vez esteve na base de um correcto processamento dos dados.

III.4 - O Programa de Iniciativas associado à exposição "*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo*"

A exposição abriu ao público dia 19 de Março de 2009. Segundo dados do IMC⁴³, o Museu Nacional de Arqueologia apresentou, desde esse período até ao primeiro semestre de 2011, um total de 245 278 visitantes⁴⁴. Deste número, um total de cerca de 4245 visitantes identificados como provenientes do Seixal visitou a exposição enquanto grupo organizado. Escolas, associações de reformados e

⁴³Dados disponibilizados pelo IMC no site <http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/recursos/estatisticas/ContentDetail.aspx> (Consulta feita a 28/10/2011)

⁴⁴Dados recolhidos nas estatísticas de visitantes do EMS.

grupos formados através de inscrição prévia nas actividades previstas do Programa de Iniciativas deslocaram-se ao espaço para conhecer melhor o único património classificado no Seixal como Monumento Nacional.

O Programa de Iniciativas associado à exposição temporária teve como objectivo dar a conhecer realidades e contextos relacionados com a temática da exposição. As visitas temáticas "*Á roda do Oleiro*", realizadas em Mafra e Viana do Alentejo, pretenderam dar a conhecer dois centros oleiros, as suas técnicas e processos produtivos. As visitas temáticas "*Itinerários Romanos*" levaram-nos a Setúbal, Lisboa e Mérida, onde visitámos os vestígios da presença romana. As visitas temáticas "*À roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias*", começando com um passeio numa adas embarcações tradicionais do estuário do Tejo, deram a conhecer antigas estruturas de salga de peixe.

As inscrições para as iniciativas estiveram sempre completas, chegando a haver listas de espera. Um grupo de pessoas chegou mesmo a acompanhar quase todas as visitas realizadas. Juntamente com os técnicos das instituições que se juntaram às iniciativas, estas foram acompanhadas por mim, por Jorge Raposo e por uma das técnicas do S.E, que desta forma asseguraram as questões operacionais das visitas, bem como as explicações em contexto de tertúlia com os visitantes.

Os ateliês "*Com as mãos no barro*" permitiram a algumas turmas dos estabelecimentos de ensino do concelho e a individuais o contacto directo com processos de modelagem do barro. As peças elaboradas durante estes ateliês foram cozidas na mufla que se encontra na Quinta do Rouxinol. Os ateliês tiveram a sua conclusão com uma pequena cerimónia de entrega das peças no MNA, sendo esta precediada por uma visita à exposição.

O seminário Internacional e o ateliê de arqueologia experimental "*A Olaria Romana*" foi um dos pontos altos do Programa de Iniciativas. Estando a acompanhar o ateliê, pude acompanhar o seu desenrolar. Foi enriquecedor observar os oleiros de Mafra a trabalhar com as técnicas dos oleiros de Viana do Alentejo. Inicialmente cépticos relativamente ao sucesso da aplicação dos métodos dos oleiros alentejanos, facilmente se adaptaram a eles, dando desta forma o seu contributo.

Conclusão

A realização do estágio profissional no EMS visava complementar a componente curricular da V edição do mestrado em museologia da Universidade de Évora e adquirir experiência de trabalho, colocando em prática um conjunto de conhecimentos obtidos em contexto académico.

Em contexto de estágio, foi-me permitido dar o meu contributo na área da programação de conteúdos (audiovisuais e fichas de exploração temática) e da comunicação (fichas de exploração temática, fichas de apoio às visitas temáticas do Programa de iniciativas associado à exposição temporária e dossiê da exposição).

O trabalho realizado acabou por ser o resultado da junção de conhecimentos adquiridos no âmbito do mestrado, da experiência adquirida durante a realização do estágio e de outras experiências profissionais e interesses pessoais. As minhas experiências profissionais anteriores, com públicos variados no âmbito de visitas guiadas na região Alentejo e a minha investigação realizada ao longo dos últimos anos junto dos mestres oleiros de Viana do Alentejo permitiram-me dar o meu contributo em vários pontos da preparação da exposição. O meu interesse por informática acabou também por auxiliar a preparação e o desenvolvimento dos materiais audiovisuais. Este contexto de junção de competências e saberes traduziu-se num trabalho multifacetado: o trabalho de um técnico superior de museu ultrapassa claramente a sua formação-base na área. A definição do que é um profissional de museu passa, a meu ver, pela conjugação do elemento pessoal com a experiência académica e profissional. Canalizar estes dois lados para o trabalho museológico terá certamente um resultado positivo, tal como se passou comigo durante este estágio: permitiu uma integração ainda mais fácil na equipa do EMS (partilha de interesses comuns), um acelerar da preparação em curso dos materiais a preparar (audiovisuais) e um forte contributo para os processos a testar em contexto de programação (Ateliê de Arqueologia Experimental e material de apoio pedagógico para as visitas temáticas do programa de iniciativas complementar) e de interação com os públicos.

Para desempenhar as tarefas que me foram atribuídas, fui gradualmente incorporado nos serviços que estavam directamente ligados à preparação da

exposição. Fiquei a conhecer a equipa da qual ainda hoje orgulhosamente faço parte. Inicialmente com o estatuto de observador, fui apreendendo a interacção dos vários serviços do museu envolvidos nos projetos e em particular na preparação da exposição, a sua relação com a comunidade e com o vasto património do concelho que visa proteger e divulgar. Este estatuto inicial permitiu-me esboçar deste o início os meus possíveis contributos para o projecto em desenvolvimento, para apresentar as minhas ideias e debatê-las em equipa. Esta liberdade para apresentar ideias que sempre me foi concedida foi bastante útil para depreender os limites museológicos e museográficos impostos à programação da exposição.

A exposição temporária *Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)* é a tradução de um trabalho desenrolado em equipa, um conjunto de experiencias profissionais, devidamente identificadas e direccionadas para um objectivo comum: a divulgação e a valorização do património arqueológico do concelho do Seixal.

Um dos vectores que esteve na base do Programa de Iniciativas associado à exposição foi a desconstrução da informação e a democratização da mesma, nos seus mais variados suportes. As visitas temáticas programadas a centros oleiros da actualidade e a núcleos urbanos com testemunhos da presença romana (em Portugal e não só) visaram dar a conhecer a presença romana no nosso país e os seus contributos para a nossa cultura, nos seus diversos campos. A partir da olaria romana da Quinta do Rouxinol, e do seu papel nas trocas comerciais sediadas no rio Tejo, abordar temáticas de âmbitos complementares como a História e a Etnografia, celebrar parcerias de trabalho com entidades de naturezas complementares, apresentando resultados pedagógicos que certamente terão o seu papel em investigações futuras, são indicações de uma exposição que é gisada para extrapolar os limites do espaço físico no qual se insere através da exploração dos seus conteúdos programáticos.

Parece-me pertinente, finalmente, referir que algumas informações incorporadas neste relatório, correspondendo ao funcionamento do EMS no período a que reportou o estágio que desenvolvi, podem não corresponder precisamente à orgânica actual ou a alguns aspectos da evolução mais recente da instituição, principalmente decorrentes de mudança de direcção.

Referências Bibliográficas

1 – Bibliografia Geral

- *Festa Ibérica da Olaria e do Barro: Comunicações*, Reguengos de Monsaraz, Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, 2001;
- ALARCÃO, Adília Moutinho (Coord.) (1997), *Portugal Romano: A exploração dos Recursos Naturais*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1997;
- ALARCÃO, Jorge (1974) - *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974;
- ÂNFORA (A) Romana (1998) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Abril-Junho;
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1950) – *Sepulturas Romanas na Quinta de S. João (Arrentela - Seixal)*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 673-683 (Separata das Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Tomo VIII, 7ª secção - Ciências Históricas e Filológicas);
- BANHA, Luis Miguel Pinel (2009), *Alguns aspectos gerais do trabalho do barro* (Texto não publicado);
- BANHA, Luis Miguel Banha (2009), *Olaria Tradicional: vestígios da Antiguidade* (Texto não publicado);
- BARBAFORMOSA, (1999) - *A Olaria*, Lisboa, Editorial Estampa, Colecção Artes e Ofícios;
- DOMINGUES, Celestino M. (2006) – *Dicionário de Cerâmica*, Casal de Cambra, Caleidoscópio;

- DUARTE, Ana Luísa C. (1990) – Quinta do Rouxinol: a produção de ânforas no vale do Tejo. In ALARCÃO, Adília e MAYET, Françoise (eds.). *Ânforas Lusitanas: tipologia, produção, comércio*. Conímbriga / Paris: Museu Monográfico de Conímbriga / Diff. E. de Boccard, pp. 96-115;
- DUARTE, Ana Luísa C. e RAPOSO, Jorge M. C. (1996) – “Elementos para a Caracterização das Produções Anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal)”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 237-247 (*Nova Enciclopédia*, 53);
- FABIÃO, Carlos (2004) – *Centros Oleiros da Lusitania: Balanço dos Conhecimentos e Perspectivas de Investigação*. Oxford. British Archaeological Reports. International Series. 1266: 379-410 [Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)];
- FABIÃO, Carlos (1996) – “O Comercio dos productos da Lusitânia Transportados em ânforas no Baixo Império” In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 237-247 (*Nova Enciclopédia*, 53);
- FILIPE, Graça (1996) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: um museu de sítio num parque histórico-natural”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 397-400 (*Nova Enciclopédia*, 53);
- FILIPE, Graça (2000) - *O Ecomuseu Municipal do Seixal no movimento renovador da museologia contemporânea em Portugal (1979-1999)*,

Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Texto Policopiado);

- GANDRA, Manuel J. (1999) - *A Cerâmica Tradicional de Mafra*, Ericeira, Mar das Letras, 1999;
- LIMA, Manuel António Santos (2001) – *Corroios Minha Terra co(m a)rroios*, Lisboa, Plátano Editora;
- LOIÇA (A) Que Veio de África (2000) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Outubro-Dezembro, p. 9;
- MANTAS, Vasco Gil (1996) – “Comércio Marítimo e Sociedade nos Portos Romanos do Tejo e do Sado” In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 237-247 (*Nova Enciclopédia*, 53);
- OCUPAÇÃO Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo: balanço de actividades; proposta de plano 1991/93 (1991) – Almada: Centro de Arqueologia de Almada (texto policopiado);
- OLARIA Romana da Quinta do Rouxinol: pedido de classificação como Imóvel de Interesse Público (1991) – Seixal: Câmara Municipal do Seixal (texto policopiado);
- PEIXOTO, Rocha (1966) - *As olarias do Prado*, Barcelos, s.e, 1966 ;
- PEREIRA, Benjamim Enes (1984) - *Olaria em Malhada Sorda*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos;
- *Programa de Qualificação e de desenvolvimento do EMS*, 2001 [www2.cm-seixal/ecomuseu/apresentação/apres_home.html]

- QUINTA de S. João: contributo para o estudo de uma antiga propriedade agrícola (2003) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. 28: 15-16 (com Cláudia Silveira e João Paulo Santos);
- RAPOSO, Jorge M. C. (2001) – “Arqueologia Romana e Medieval: as olarias romanas da margem esquerda do estuário do Tejo e a necrópole medieval/moderna da Quinta de S. Pedro (Seixal)”. In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Actas do Iº Encontro de Arqueologia e Património da Península de Setúbal – Seixal, Mai/99). Lisboa: Universidade Aberta, pp. 49-77 (*Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*: número especial);
- RAPOSO, Jorge M. C. (2007) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol”. *Ecomuseu Informação*. Seixal. 43: 16-19;
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa (1999) – “Duas Taças de *Terra Sigillata* Africana na Quinta do Rouxinol”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 8: 75-86;
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (1994) – “Produção de Ânforas no Vale do Tejo: as olarias romanas da margem esquerda”. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94, pp. 229-231;
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (1998) – “Recursos naturais e modelos de desenvolvimento económico: o Império Romano”. In BERNARDES, Fernando Miguel (org.). *Literatura Actual de Almada: antologia*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 440-453;
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (1999) – “Duas Taças de *Terra Sigillata* Africana na Quinta do Rouxinol”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 8: 75-86;
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (2000) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: investigação arqueológica e valorização patrimonial no concelho do Seixal”. Actas das Iªs Jornadas Arqueológicas e do

- Património da Corda Ribeirinha Sul (Barreiro, Jun./99)*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, pp. 126-140;
- RAPOSO, Jorge M. C.; DUARTE, Ana Luísa C. e SABROSA, A. J. (1992b) – “Anforas Lusitanas: los alfares del Tajo”. *Rivista di Archeologia*. Roma. Ano XVI: 97-107.
 - RAPOSO, Jorge (2004) – “A Presença Romana na Quinta de S. João (Arrentela, Seixal): breve síntese de novos dados”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 12: 184-185;
 - RAPOSO, Jorge (2008) – *A Presença Romana na Quinta de S. João / Quinta da Laranjeira (Arrentela, Seixal)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal (texto policopiado);
 - RAPOSO, Jorge (2007) – “Uma Divindade no Acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal”, *Ecomuseu Informação*. 44: 12-14;
 - RAPOSO, Jorge M. C.; SABROSA, Armando J. G. e DUARTE, Ana Luísa C. (1995) – “Ânforas do Vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (3): 331-352;
 - RAPOSO, Jorge; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Ana Luísa; SABROSA, Armando; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel e GOUVEIA, Maria Ângela (2005) – “OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo”. In GURT i ESPARRAGUERA, J. M.^a; BUXEDA i GARRIGÓS, J. e CAU ONTIVEROS, M. A., eds. (2005) – *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford: Archaeopress, pp. 37-54 (*British Archaeological Reports. International Series*, 1340);

2 – Fontes Audiovisuais

- **Programa / Título:** *Memória de um povo – Trabalho do corpo, trabalho das formas*, **Realização:** Teresa Olga, **Data:** 1981, **Local:** Montemor-o-Velho
- **Programa / Título:** *As profissões – II – Oleiro*, **Realização e argumento:** José Asseiceiro **Data:** 1986, **Local:** Mafra
- **Programa / Título:** Programa Presença do Passado – Olaria de Viana do Alentejo, **Data:** 1973, **Local:** Viana do Alentejo
- **Título:** *Cerâmica*, **Direcção:** Fialho Oliveira, **Data:** 1960, **Local:** Lisboa

3 – Sítios na Internet

- Site do Ecomuseu Municipal do Seixal [www2.cm-seixal/ecomuseu/] (Consulta feita a 25/10/2011);
- Site do IMC [<http://www.ipmuseus.pt/ptPT/recursos/estatisticas/ContentDetail.aspx>] (Consulta feita a 27/10/2011);

4 – Outras fontes

- Quadros estatísticos do EMS